

FIDEL PROCLAMA SOB DELIRIO DAS MULTIDÕES: CUBA A PRIMEIRA REPÚBLICA SOCIALISTA DA AMÉRICA

Texto na 7ª página

NOVOS RUMOS

ANO III Rio de Janeiro, semana de 5 a 11 de maio de 1961 N.º 113
Diretor Executivo — Orlando Bomfim Jr. Diretor — Mário Alves Redator-Chefe — Fragman Borges

Trabalhadores Comemoram Nas Ruas o Primeiro de Maio: Solidariedade a Cuba e Luta Por Aumento de Salários

Textos na 2ª e 7ª páginas

O operário em construção

Poema de VINICIUS DE MORAES na 8ª página

Um Pecado da Revolução

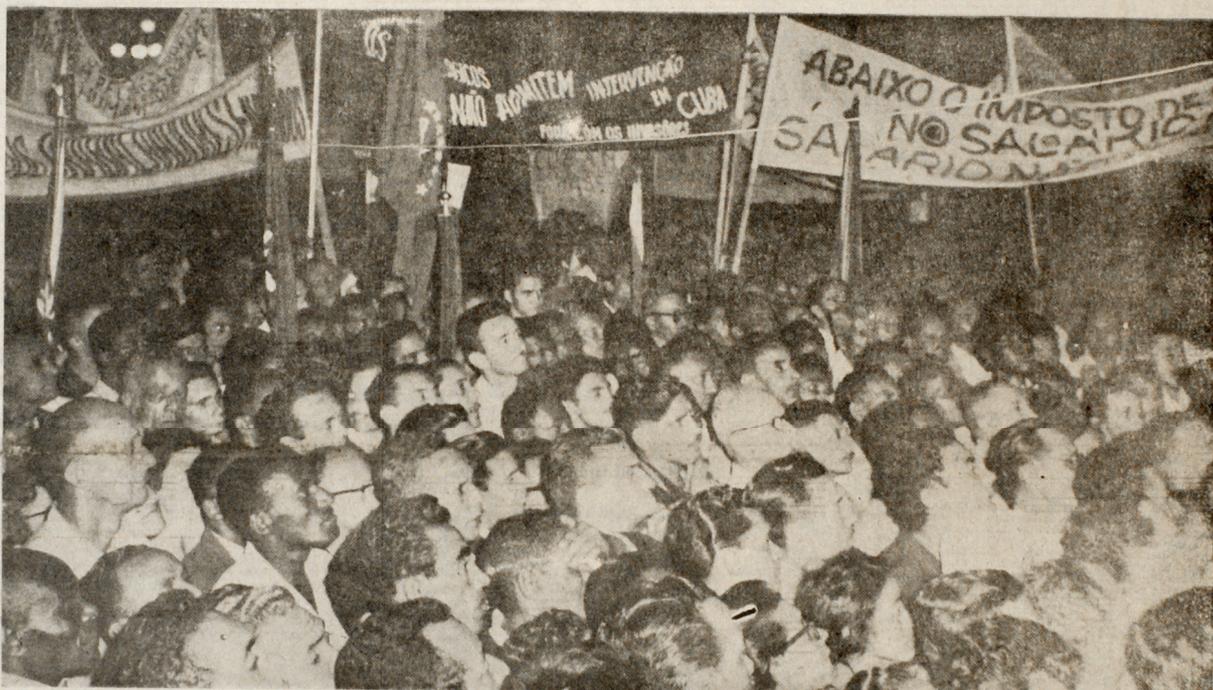
Art. de "CHE" GUEVARA na 4ª página

Os trabalhadores da Guanabara e o 1º de Maio

Art. de LOURIVAL COSTA na 6ª página

A Revolução Cubana e o Prof. Jaguaribe

Art. de ALMIR MATOS na 3ª página



MUDANÇA PARA MELHOR

ORLANDO BOMFIM JR.

O 1º DE MAIO dos trabalhadores cariocas foi, este ano, diferente. Realizou-se sem a tutela do Ministério do Trabalho. Não se enquadrou nos programas de festivais do SESI e de outras organizações patronais idênticas. Ao invés do conhecido apoio oficial, recebeu hostilidade franca. O governo da Guanabara chegou mesmo a requintar. Havia assumido o compromisso de iluminar o local, amar o polânque, mandar banda de música. A última hora, deu marcha-à-ré, negou tudo, retirou o polânque que já estava instalado. Tentando desviar a atenção dos trabalhadores, recorreu até à popularidade do Flamengo, organizando um jogo com o rubro-negro, no Maracanã, portões abertos...

MAS, MESMO sem as gambiarras e a música do sr. Lacerda, milhares de trabalhadores reuniram-se na Praça da Bandeira. E, excitadamente por ter sido pioneirado e realizado pelos operários, por suas entidades de classe, tendo à frente a Comissão Permanente das Organizações Sindicais, o 1º de Maio da Guanabara apresentou este ano, em relação a outros anteriores, uma mudança na sua própria qualidade. Não se desfiou por nenhuma das influências que, todos os anos, procuram esvaziá-lo do seu verdadeiro conteúdo. Foi autêntico.

ISSO DE MODO nenhum significa que a comemoração da grande data internacional tivesse tido um caráter limitado e estreito. Ao contrário. Foi, antes de tudo, a manifestação do sentimento de unidade entre os próprios trabalhadores. Sabem eles que seus interesses são comuns e, em consequência, comum deve ser sua luta. Por isso mesmo, diante da situação que o país atravessa, agravadas as privações das grandes massas, dos assalariados em particular, pelos resultados nefastos da política econômico-financeira do governo Jânio Quadros, no comício foi acentuada a necessidade de se intensificar a ofensiva pela revisão imediata do salário mínimo e pela reajustamento geral dos salários. Os trabalhadores defendem, assim, seu nível de vida. Cuidam, concretamente, dos interesses de sua família, que não desejam ver minar a pela fome.

NÃO SE limitaram, entretanto, aos seus problemas imediatos e presentes. A manifestação adquiriu também, sob diversas formas, sentido mais profundo e

amplo. Revelou que a classe operária não pretende ficar, como um peru, imobilizada diante do círculo vermelho de suas reivindicações econômicas. Quer romper essas limitações. E ir mais longe. Os trabalhadores cariocas proclamaram, pela palavra dos dirigentes sindicais, sua decisão de participar da luta — que é de todo nosso povo — para livrar o Brasil do atraso e da humilhação impostos pelo domínio que desgraçadamente os imperialistas norte-americanos ainda exercem sobre o país.

MAIS AINDA. As comemorações do 1º de Maio também tiveram, na Guanabara, o sentido da vigorosa definição de apoio à Revolução Cubana e de protesto contra as novas ameaças de agressão feitas pelo governo dos Estados Unidos. E isso porque os trabalhadores compreendem que não está em perigo apenas o destino da heroica ilha. Se, por um lado, o inimigo que tenta reapoderar-se de Cuba é o mesmo inimigo que procuramos — e devemos de consegui-lo — expulsar de nossa terra, por outro lado, esse inimigo comum, enveredando pelo caminho dos preparativos de um ataque militar com suas próprias forças, põe em risco a paz no mundo todo.

AO LADO dos líderes sindicais, no comício da Praça da Bandeira falaram Prestes e os deputados Sérgio Magalhães e Tenório Cavalcanti. Eram as correntes populares que se faziam representar. As forças políticas que, nas últimas eleições, reuniram dois terços da eleitorada carioca. Lá não apareceu, naturalmente, o sr. Carlos Lacerda. Depois de sabotar a realização, escafedeu-se, preferindo a tranquilidade do programa diversionista organizado pelos patrões da Fábrica Bangu. Mas nem por isso foi esquecido. Mereceu a mais estrepitosa vaia no comício dos trabalhadores, que também se caracterizou como violenta repulsa ao lacerdismo.

O 1º DE MAIO da Guanabara foi, sem dúvida, diferente. E essa mudança para melhor indica o rumo seguido pelos acontecimentos. Deve servir de estímulo, pois, à ação de todos os patriotas e democratas. E não se pode esquecer que tudo isso aconteceu no mesmo dia em que se proclamava a existência da primeira república socialista da América Latina.

Kennedy no Caminho de Hitler: Fascismo e Guerra Para «Salvar» o Imperialismo

Texto na 7ª página

EM TODAS as capitais e principais cidades do país os trabalhadores brasileiros realizaram solenidades comemorativas do 1º de Maio. Os trabalhadores reafirmaram sua solidariedade à revolução cubana, sua condenação à política financeira do governo, expressa na Instrução 204 e sua disposição de luta pela revisão do salário-mínimo, por aumento geral de salários e contra a carestia da vida. Na foto superior, aspecto do comício realizado na Praça da Bandeira, no Rio; na inferior, elita partical do grande comício realizado na capital paulista.



Guerra: solução ou suicídio?

E' Incurável a Enfermidade da Economia Norte-Americana

Texto na 3ª página



Primeiro Congresso Nacional do Trabalhador Brasileiro

Através de grandes manifestações públicas, as entidades sindicais promoveram as comemorações do Primeiro de Maio em todo o país. Realizaram comícios e passeatas nas principais cidades e centros industriais, os trabalhadores saíram às ruas para saudar a revolução socialista. Cuba, protestar contra a política de cegueira do governo Jânio Quadros, e reclamar o atendimento das suas principais reivindicações, entre as quais o aumento salarial e de vencimentos, revisão do salário mínimo, proteção da Lei do Inquilinato, limitação da remessa de lucros para o exterior, reforma agrária e direito de greve.

Comício em Brasília

O Sindicato dos trabalhadores na Indústria de Construção Civil de Brasília promoveu um grande comício na

Cidade Livre, que contou com a participação entusiástica de mais de cinco mil trabalhadores. Ao ato estiveram presentes líderes sindicais de São Paulo e da Guanabara, e inúmeras autoridades, entre as quais o sr. Luis Torres, secretário de Segurança e Interior.

No Estado do Rio

No Estado do Rio, sob a liderança do Conselho Sindical Estadual, os Conselhos Municipais, os trabalhadores comemoraram o Primeiro de Maio realizando grandes comícios em Nilópolis, Campos, Petrópolis, Barra Mansa e outras cidades. O governador do Estado, sr. Celso Pechanica, esteve presente, um abraço aos dirigentes sindicais no Estado Cabo Martins, em Nilópolis, quando lhe foi entregue um memorial contendo as reivindicações dos trabalhadores fluminenses.

Na Guanabara

Como nos demais Estados, as comemorações do Primeiro de Maio na Guanabara foram promovidas pelos próprios trabalhadores, através das suas entidades sindicais. Sob o comando da Comissão Permanente das Organizações Sindicais, os cariocas realizaram um grande comício na Praça da Bandeira, com a presença de mais de 10 mil trabalhadores. O ato foi precedido de inúmeras passeatas pelas principais ruas e bairros da cidade.

O governador Carlos Lacerda tudo fez para impedir o êxito das comemorações do Primeiro de Maio no mais novo Estado da União. Além de negar-se a promover a ornamentação do local e a instalação do palanque, que antes havia prometido, o governador da Guanabara promoveu um jogo de futebol no Maracanã, com entrada franca, na mesma hora em que se realizava o comício. Outros atos foram promovidos pelas autoridades estaduais em vários bairros da cidade, na mesma hora do grande ato programado pelos sindicatos. O Repórter Educador, às 12 horas, chegou a notar que apenas dois ou três sindicatos haviam aderido ao comício da Praça da Bandeira. O fato é que a maioria dos comícios das entidades sindicais compareceu ao comício, conduzindo as suas bandeiras e oferecendo um belo espetáculo de unidade.

Presença de Prestes

Como no ano anterior, os trabalhadores aplaudiram a presença do líder comunista Luiz Carlos Prestes em seus atos de comemoração do Primeiro de Maio. Prestes percorreu vários sindicatos durante o dia, e lá tarde compareceu ao comício da Praça da Bandeira, onde dirigiu, em nome dos comunistas brasileiros, uma saudação ao proletariado carioca. Ao comício da Praça da Bandeira estiveram presentes ainda os deputados federais Sérgio Magalhães e Tenório Cavalcanti, e o representante do ministro do Trabalho, o sr. João de Deus.

Proclamação

Depois de haverem falado vários oradores, entre os quais os líderes Oswaldo Pacheco, presidente da Federação dos Trabalhadores, Edson de Amorim Rocha Júnior, em nome dos sindicatos cariocas; Benedito Cerqueira, em nome da CPOCS; Olívio Guanaes, presidente da UNE; José Paulo da Silva, da União dos Portuários. O dirigente sindical Roberto Moraes leu a seguinte proclamação, que foi unânime e aprovada por todos os trabalhadores cariocas em dezenas de atos realizados anteriormente em suas entidades:

“Aos trabalhadores, ao povo e às organizações sindicais do Estado da Guanabara”

Em 1º de Maio, sob as bandeiras gloriosas de nossas organizações sindicais, com o pensamento voltado para a luta que toda a nação e o povo brasileiro travam pela conquista de sua independência econômica e política, os trabalhadores, militantes e dirigentes sindicais, reafirmamos o desejo de conquistar a liberdade, manter e ampliar nossa unidade e nossa organização para obtermos as nossas reivindicações. Os trabalhadores, estamos cada vez mais integrados nos grandes combates para a emancipação do povo brasileiro, contra as forças históricas, dentro dos movimentos populares contra a opressão e a exploração impiedosa do colonialismo e do imperialismo, nos dirigimos a todos os patriotas, democratas e nacionalistas, para que se unam conosco, na luta pela frente de luta emancipadora e libertadora de nossa Pátria.

Unidos, nos constatamos que o fruto do trabalho do povo brasileiro não é a riqueza, mas a pobreza e o esterio. Não permitamos que as inversões de capitais estrangeiros liquem a indústria nacional e revidem nosso progresso. Sob o comando da Comissão Permanente das Organizações Sindicais, os cariocas realizaram um grande comício na Praça da Bandeira, com a presença de mais de 10 mil trabalhadores. O ato foi precedido de inúmeras passeatas pelas principais ruas e bairros da cidade.

O governador Carlos Lacerda tudo fez para impedir o êxito das comemorações do Primeiro de Maio no mais novo Estado da União. Além de negar-se a promover a ornamentação do local e a instalação do palanque, que antes havia prometido, o governador da Guanabara promoveu um jogo de futebol no Maracanã, com entrada franca, na mesma hora em que se realizava o comício. Outros atos foram promovidos pelas autoridades estaduais em vários bairros da cidade, na mesma hora do grande ato programado pelos sindicatos. O Repórter Educador, às 12 horas, chegou a notar que apenas dois ou três sindicatos haviam aderido ao comício da Praça da Bandeira. O fato é que a maioria dos comícios das entidades sindicais compareceu ao comício, conduzindo as suas bandeiras e oferecendo um belo espetáculo de unidade.

Trabalhadores

Unamo-nos nos locais de trabalho e em nossas organizações sindicais para lutar vantajosamente pelo aumento dos salários e pela melhoria do nível de vida. Para fazer face ao crescimento do custo de vida agravado agora pelas consequências da inflação, precisamos que o salário mínimo, a remuneração da lei do inquilinato e outras de defesa dos salários, isenção de imposto de renda para salários até 5 vezes o maior salário-mínimo, salário morto e profissional e pela reforma agrária que dê terra aos que não têm que trabalhar.

Unamo-nos

Unamo-nos para defender nossos direitos: direito de greve, livre organização sindical e popular e do cumprimento da Constituição, da Previdência Social e sua extensão aos trabalhadores domésticos e rurais, e escolas públicas para o povo. Unamo-nos para defender nossos direitos: direito de greve, livre organização sindical e popular e do cumprimento da Constituição, da Previdência Social e sua extensão aos trabalhadores domésticos e rurais, e escolas públicas para o povo. Unamo-nos para defender nossos direitos: direito de greve, livre organização sindical e popular e do cumprimento da Constituição, da Previdência Social e sua extensão aos trabalhadores domésticos e rurais, e escolas públicas para o povo.

Trabalhadores Fluminenses

Festearam 1º de Maio Revindicando na Praça Pública

As comemorações dos trabalhadores fluminenses pelo transcurso do Primeiro de Maio foram das mais amplas já realizadas no Estado do Rio. O povo fluminense participou em milhares de passeatas, atos públicos e diversas outras manifestações, enaltecendo os feitos da classe operária brasileira e reivindicando melhores condições de vida.

Em Petrópolis

Os trabalhadores petropolitano realizaram comício na Praça da Liberdade, ao qual compareceram cerca de mil pessoas. Estiveram presentes e fizeram uso da palavra os sr. Alvinho Azevedo, presidente do Sindicato de Petrópolis; José Maria Barbosa, presidente do Sindicato dos Têxteis; Eraldo Cruz, presidente da Associação dos Trabalhadores de Petrópolis; João Araújo, Nelson Sá Rapp, prefeito municipal, coronel Gumerindo Pinto Barreto, deputado federal, Bercy de Castro, deputado estadual, e o sr. Rafael Francisco de Almeida, representante do Conselho Sindical Municipal.

Em Itaboraí

Neste município realizou-se uma passeata que resultou em sua sede administrativa. O comício também foi realizado em comício, destacando-se entre os oradores o sr. Rafael Francisco de Almeida, representante do Conselho Sindical Municipal.

Em Nova Iguaçu

O comício de Nova Iguaçu foi dos mais concorridos, tendo tido uma afiluição de mais de 5 mil pessoas, que ouviram a palavra de vários oradores. As palavras dos oradores, principalmente dos sr. Antônio Lopes Gonçalves, representante do município de Nilópolis; Antônio Lopes Gonçalves, secretário do Trabalho do Estado do Rio, governador Celso Pechanica; Severiano Soares, representante da UNSP; Francisco Lacerda, presidente do Conselho Municipal de Nova Iguaçu; e Henrique de Almeida, presidente da Câmara de Nova Iguaçu, vereador Nilo Dias Teixeira, professor Joaquim de Freitas, presidente do Partido Social Democrático, de Guimarães, Paulo Coutinho, em nome dos comunistas de Nova Iguaçu, deputado federal Saturnino Braga e Luis Gonzaga Macedo, do Conselho Sindical.

Em Niterói

Em Niterói mais de 5 mil pessoas assistiram, na Praça Encinas de Castro, no Barreto, ao comício realizado pelo trabalhador (C) niteroiense. Dentre os presentes, estiveram os sr. Celso Pechanica, governador do Estado, prefeito Wilson Oliveira, de Niterói, Joaquim Pedro Mayrink Filho, presidente do Conselho Sindical de Niterói e presidente do Sindicato dos Rodoviários, Gabriel Alves de Oliveira, do Sindicato da Construção Civil, Álvaro Ventura, representante dos operários rurais, Hugo Miller, presidente do Sindicato dos Trabalhadores, Maria Alice, da Associação Feminina Fluminense, Nelson Rocha, secretário municipal de Assistência Social, Valdo, em nome dos comunistas fluminenses, além de inúmeras outras pessoas.

Em Nilópolis

Em Nilópolis mais de 5 mil pessoas assistiram, na Praça Encinas de Castro, no Barreto, ao comício realizado pelo trabalhador (C) niteroiense. Dentre os presentes, estiveram os sr. Celso Pechanica, governador do Estado, prefeito Wilson Oliveira, de Niterói, Joaquim Pedro Mayrink Filho, presidente do Conselho Sindical de Niterói e presidente do Sindicato dos Rodoviários, Gabriel Alves de Oliveira, do Sindicato da Construção Civil, Álvaro Ventura, representante dos operários rurais, Hugo Miller, presidente do Sindicato dos Trabalhadores, Maria Alice, da Associação Feminina Fluminense, Nelson Rocha, secretário municipal de Assistência Social, Valdo, em nome dos comunistas fluminenses, além de inúmeras outras pessoas.

Em Campos

Em Campos realizou-se uma passeata que resultou em sua sede administrativa. O comício também foi realizado em comício, destacando-se entre os oradores o sr. Rafael Francisco de Almeida, representante do Conselho Sindical Municipal.

Unamo-nos

Unamo-nos nos locais de trabalho e em nossas organizações sindicais para lutar vantajosamente pelo aumento dos salários e pela melhoria do nível de vida. Para fazer face ao crescimento do custo de vida agravado agora pelas consequências da inflação, precisamos que o salário mínimo, a remuneração da lei do inquilinato e outras de defesa dos salários, isenção de imposto de renda para salários até 5 vezes o maior salário-mínimo, salário morto e profissional e pela reforma agrária que dê terra aos que não têm que trabalhar.

Unamo-nos

Unamo-nos para defender nossos direitos: direito de greve, livre organização sindical e popular e do cumprimento da Constituição, da Previdência Social e sua extensão aos trabalhadores domésticos e rurais, e escolas públicas para o povo. Unamo-nos para defender nossos direitos: direito de greve, livre organização sindical e popular e do cumprimento da Constituição, da Previdência Social e sua extensão aos trabalhadores domésticos e rurais, e escolas públicas para o povo.

Unamo-nos

Unamo-nos para defender nossos direitos: direito de greve, livre organização sindical e popular e do cumprimento da Constituição, da Previdência Social e sua extensão aos trabalhadores domésticos e rurais, e escolas públicas para o povo. Unamo-nos para defender nossos direitos: direito de greve, livre organização sindical e popular e do cumprimento da Constituição, da Previdência Social e sua extensão aos trabalhadores domésticos e rurais, e escolas públicas para o povo.

Unamo-nos

Unamo-nos para defender nossos direitos: direito de greve, livre organização sindical e popular e do cumprimento da Constituição, da Previdência Social e sua extensão aos trabalhadores domésticos e rurais, e escolas públicas para o povo. Unamo-nos para defender nossos direitos: direito de greve, livre organização sindical e popular e do cumprimento da Constituição, da Previdência Social e sua extensão aos trabalhadores domésticos e rurais, e escolas públicas para o povo.

Unamo-nos

Unamo-nos para defender nossos direitos: direito de greve, livre organização sindical e popular e do cumprimento da Constituição, da Previdência Social e sua extensão aos trabalhadores domésticos e rurais, e escolas públicas para o povo. Unamo-nos para defender nossos direitos: direito de greve, livre organização sindical e popular e do cumprimento da Constituição, da Previdência Social e sua extensão aos trabalhadores domésticos e rurais, e escolas públicas para o povo.

Unamo-nos

Unamo-nos para defender nossos direitos: direito de greve, livre organização sindical e popular e do cumprimento da Constituição, da Previdência Social e sua extensão aos trabalhadores domésticos e rurais, e escolas públicas para o povo. Unamo-nos para defender nossos direitos: direito de greve, livre organização sindical e popular e do cumprimento da Constituição, da Previdência Social e sua extensão aos trabalhadores domésticos e rurais, e escolas públicas para o povo.

Unamo-nos

Unamo-nos para defender nossos direitos: direito de greve, livre organização sindical e popular e do cumprimento da Constituição, da Previdência Social e sua extensão aos trabalhadores domésticos e rurais, e escolas públicas para o povo. Unamo-nos para defender nossos direitos: direito de greve, livre organização sindical e popular e do cumprimento da Constituição, da Previdência Social e sua extensão aos trabalhadores domésticos e rurais, e escolas públicas para o povo.

Unamo-nos

Unamo-nos para defender nossos direitos: direito de greve, livre organização sindical e popular e do cumprimento da Constituição, da Previdência Social e sua extensão aos trabalhadores domésticos e rurais, e escolas públicas para o povo. Unamo-nos para defender nossos direitos: direito de greve, livre organização sindical e popular e do cumprimento da Constituição, da Previdência Social e sua extensão aos trabalhadores domésticos e rurais, e escolas públicas para o povo.

Unamo-nos

Unamo-nos para defender nossos direitos: direito de greve, livre organização sindical e popular e do cumprimento da Constituição, da Previdência Social e sua extensão aos trabalhadores domésticos e rurais, e escolas públicas para o povo. Unamo-nos para defender nossos direitos: direito de greve, livre organização sindical e popular e do cumprimento da Constituição, da Previdência Social e sua extensão aos trabalhadores domésticos e rurais, e escolas públicas para o povo.

Unamo-nos

Unamo-nos para defender nossos direitos: direito de greve, livre organização sindical e popular e do cumprimento da Constituição, da Previdência Social e sua extensão aos trabalhadores domésticos e rurais, e escolas públicas para o povo. Unamo-nos para defender nossos direitos: direito de greve, livre organização sindical e popular e do cumprimento da Constituição, da Previdência Social e sua extensão aos trabalhadores domésticos e rurais, e escolas públicas para o povo.

Unamo-nos

Unamo-nos para defender nossos direitos: direito de greve, livre organização sindical e popular e do cumprimento da Constituição, da Previdência Social e sua extensão aos trabalhadores domésticos e rurais, e escolas públicas para o povo. Unamo-nos para defender nossos direitos: direito de greve, livre organização sindical e popular e do cumprimento da Constituição, da Previdência Social e sua extensão aos trabalhadores domésticos e rurais, e escolas públicas para o povo.

Unamo-nos

Unamo-nos para defender nossos direitos: direito de greve, livre organização sindical e popular e do cumprimento da Constituição, da Previdência Social e sua extensão aos trabalhadores domésticos e rurais, e escolas públicas para o povo. Unamo-nos para defender nossos direitos: direito de greve, livre organização sindical e popular e do cumprimento da Constituição, da Previdência Social e sua extensão aos trabalhadores domésticos e rurais, e escolas públicas para o povo.

Unamo-nos

Unamo-nos para defender nossos direitos: direito de greve, livre organização sindical e popular e do cumprimento da Constituição, da Previdência Social e sua extensão aos trabalhadores domésticos e rurais, e escolas públicas para o povo. Unamo-nos para defender nossos direitos: direito de greve, livre organização sindical e popular e do cumprimento da Constituição, da Previdência Social e sua extensão aos trabalhadores domésticos e rurais, e escolas públicas para o povo.

Unamo-nos

Unamo-nos para defender nossos direitos: direito de greve, livre organização sindical e popular e do cumprimento da Constituição, da Previdência Social e sua extensão aos trabalhadores domésticos e rurais, e escolas públicas para o povo. Unamo-nos para defender nossos direitos: direito de greve, livre organização sindical e popular e do cumprimento da Constituição, da Previdência Social e sua extensão aos trabalhadores domésticos e rurais, e escolas públicas para o povo.

Unamo-nos

Unamo-nos para defender nossos direitos: direito de greve, livre organização sindical e popular e do cumprimento da Constituição, da Previdência Social e sua extensão aos trabalhadores domésticos e rurais, e escolas públicas para o povo. Unamo-nos para defender nossos direitos: direito de greve, livre organização sindical e popular e do cumprimento da Constituição, da Previdência Social e sua extensão aos trabalhadores domésticos e rurais, e escolas públicas para o povo.

Unamo-nos

Unamo-nos para defender nossos direitos: direito de greve, livre organização sindical e popular e do cumprimento da Constituição, da Previdência Social e sua extensão aos trabalhadores domésticos e rurais, e escolas públicas para o povo. Unamo-nos para defender nossos direitos: direito de greve, livre organização sindical e popular e do cumprimento da Constituição, da Previdência Social e sua extensão aos trabalhadores domésticos e rurais, e escolas públicas para o povo.



10 000 pessoas aplaudem Prestes

FERROVIÁRIOS DA LEOPOLDINA REELEGEM OS SEUS LÍDERES E COMEÇAM NOVAS LUTAS

Durante o biênio 1959-1961, os ferroviários da Leopoldina participaram nas grandes lutas e conquistaram significativas vitórias. A frente dessas lutas sempre esteve a Diretoria do Sindicato, composta de homens capazes, combatedores e intrinsecamente dedicados aos interesses da classe. Por isso é que os ferroviários da Leopoldina resolveram apresentar uma única chapa para as novas eleições, encabeçada por aqueles que já se revelaram autênticos líderes da classe, e que são: Demétrio de Deus, Erista, Herival Arceira, Wander Esquerdo, Ignácio José da Gama Medeiros, Manoel do Couto, Misso Ferreira, Antonio Aguiar Filho, Saturnino da Silva, Nemo Ribeiro de Miranda e Antônio Alpheu da Matta.

Programa

Os componentes da nova Diretoria proclamam todos os ferroviários da Leopoldina a lutarem pela conquista das seguintes reivindicações:

- 1) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 2) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 3) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 4) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 5) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 6) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 7) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 8) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 9) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 10) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 11) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 12) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 13) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 14) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 15) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 16) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 17) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 18) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 19) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 20) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 21) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 22) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 23) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 24) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 25) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 26) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 27) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 28) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 29) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 30) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 31) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 32) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 33) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 34) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 35) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 36) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 37) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 38) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 39) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 40) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 41) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 42) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 43) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 44) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 45) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 46) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 47) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 48) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 49) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 50) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 51) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 52) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 53) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 54) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 55) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 56) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 57) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 58) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 59) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 60) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 61) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 62) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 63) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 64) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 65) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 66) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 67) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 68) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 69) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 70) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 71) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 72) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 73) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 74) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 75) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 76) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 77) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 78) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 79) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 80) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 81) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 82) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 83) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 84) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 85) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 86) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 87) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 88) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 89) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 90) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 91) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 92) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 93) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 94) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 95) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 96) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 97) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 98) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 99) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;
- 100) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal;

NOVOS RUMOS

Diretor: Mário Alves

Diretor Executivo: Orlando Bomfim Júnior

Redator Chefe: Fragdon Borges

Secretário: Luiz Fernando Cardoso

Gerente: Guttemberg Cavalcanti

Redatores: Renaulo Arena, Paulo Motta Lima, Nilson Azevedo, Fausto Cupertino, Rui Facó, Saulo Pereira Neto

Redação: Av. Rio Branco, 257, 17º andar, S/1712 — Tel.: 42-7344

Gerência: Av. Rio Branco, 257, 9º andar — S/905

SUBSCRIÇÃO DE S. PAULO: Rua 15 de Novembro, 228 8º andar — S/227

Tel.: 37-52 64

Endereço: Rua do Ouvidor, 111 — “NOVOS RUMOS” ASSINATURAS

Anual Cr\$ 5,-

Semestral 25,00

Trimestral 13,00

Além disso, mais: 20,00

Além disso, mais: 100,00

Além disso, mais: 50,00

Número avulso 10,00

Número atrasado 10,00

Nilópolis: Grande Comício de 10 de Maio

Em Nilópolis, no dia 10 de maio, realizou-se um grande comício na Praça da Bandeira, com a presença de mais de 10 mil trabalhadores. O ato foi precedido de inúmeras passeatas pelas principais ruas e bairros da cidade.

O governador Carlos Lacerda tudo fez para impedir o êxito das comemorações do Primeiro de Maio no mais novo Estado da União. Além de negar-se a promover a ornamentação do local e a instalação do palanque, que antes havia prometido, o governador da Guanabara promoveu um jogo de futebol no Maracanã, com entrada franca, na mesma hora em que se realizava o comício. Outros atos foram promovidos pelas autoridades estaduais em vários bairros da cidade, na mesma hora do grande ato programado pelos sindicatos. O Repórter Educador, às 12 horas, chegou a notar que apenas dois ou três sindicatos haviam aderido ao comício da Praça da Bandeira. O fato é que a maioria dos comícios das entidades sindicais compareceu ao comício, conduzindo as suas bandeiras e oferecendo um belo espetáculo de unidade.

Nilópolis: Grande Comício de 10 de Maio

Em Nilópolis, no dia 10 de maio, realizou-se um grande comício na Praça da Bandeira, com a presença de mais de 10 mil trabalhadores. O ato foi precedido de inúmeras passeatas pelas principais ruas e bairros da cidade.

O governador Carlos Lacerda tudo fez para impedir o êxito das comemorações do Primeiro de Maio no mais novo Estado da União. Além de negar-se a promover a ornamentação do local e a instalação do palanque, que antes havia prometido, o governador da Guanabara promoveu um jogo de futebol no Maracanã, com entrada franca, na mesma hora em que se realizava o comício. Outros atos foram promovidos pelas autoridades estaduais em vários bairros da cidade, na mesma hora do grande ato programado pelos sindicatos. O Repórter Educador, às 12 horas, chegou a notar que apenas dois ou três sindicatos haviam aderido ao comício da Praça da Bandeira. O fato é que a maioria dos comícios das entidades sindicais compareceu ao comício, conduzindo as suas bandeiras e oferecendo um belo espetáculo de unidade.

Nilópolis: Grande Comício de 10 de Maio

Em Nilópolis, no dia 10 de maio, realizou-se um grande comício na Praça da Bandeira, com a presença de mais de 10 mil trabalhadores. O ato foi precedido de inúmeras passeatas pelas principais ruas e bairros da cidade.

O governador Carlos Lacerda tudo fez para impedir o êxito das comemorações do Primeiro de Maio no mais novo Estado da União. Além de negar-se a promover a ornamentação do local e a instalação do palanque, que antes havia prometido, o governador da Guanabara promoveu um jogo de futebol no Maracanã, com entrada franca, na mesma hora em que se realizava o comício. Outros atos foram promovidos pelas autoridades estaduais em vários bairros da cidade, na mesma hora do grande ato programado pelos sindicatos. O Repórter Educador, às 12 horas, chegou a notar que apenas dois ou três sindicatos haviam aderido ao comício da Praça da Bandeira. O fato é que a maioria dos comícios das entidades sindicais compareceu ao comício, conduzindo as suas bandeiras e oferecendo um belo espetáculo de unidade.

Nilópolis: Grande Comício de 10 de Maio

Em Nilópolis, no dia 10 de maio, realizou-se um grande comício na Praça da Bandeira, com a presença de mais de 10 mil trabalhadores. O ato foi precedido de inúmeras passeatas pelas principais ruas e bairros da cidade.

O governador Carlos Lacerda tudo fez para impedir o êxito das comemorações do Primeiro de Maio no mais novo Estado da União. Além de negar-se a promover a ornamentação do local e a instalação do palanque, que antes havia prometido, o governador da Guanabara promoveu um jogo de futebol no Maracanã, com entrada franca, na mesma hora em que se realizava o comício. Outros atos foram promovidos pelas autoridades estaduais em vários bairros da cidade, na mesma hora do grande ato programado pelos sindicatos. O Repórter Educador, às 12 horas, chegou a notar que apenas dois ou três sindicatos haviam aderido ao comício da Praça da Bandeira. O fato é que a maioria dos comícios das entidades sindicais compareceu ao comício, conduzindo as suas bandeiras e oferecendo um belo espetáculo de unidade.

Nilópolis: Grande Comício de 10 de Maio

Em Nilópolis, no dia 10 de maio, realizou-se um grande comício na Praça da Bandeira, com a presença de mais de 10 mil trabalhadores. O ato foi precedido de inúmeras passeatas pelas principais ruas e bairros da cidade.

O governador Carlos Lacerda tudo fez para impedir o êxito das comemorações do Primeiro de Maio no mais novo Estado da União. Além de negar-se a promover a ornamentação do local e a instalação do palanque, que antes havia prometido, o governador da Guanabara promoveu um jogo de futebol no Maracanã, com entrada franca, na mesma hora em que se realizava o comício. Outros atos foram promovidos pelas autoridades estaduais em vários bairros da cidade, na mesma hora do grande ato programado pelos sindicatos. O Repórter Educador, às 12 horas, chegou a notar que apenas dois ou três sindicatos haviam aderido ao comício da Praça da Bandeira. O fato é que a maioria dos comícios das entidades sindicais compareceu ao comício, conduzindo as suas bandeiras e oferecendo um belo espetáculo de unidade.

Nilópolis: Grande Comício de 10 de Maio

Em Nilópolis, no dia 10 de maio, realizou-se um grande comício na Praça da Bandeira, com a presença de mais de 10 mil trabalhadores. O ato foi precedido de inúmeras passeatas pelas principais ruas e bairros da cidade.

O governador Carlos Lacerda tudo fez para impedir o êxito das comem

GUERRA: SOLUÇÃO OU SUICÍDIO?

Política e a Emergência da Economia Norte-Americana

Por mais que os imperialistas norte-americanos desejem dissimular as fontes de suas inquietudes, não é difícil descobrir que a última do seu desespero é a enfermidade incurável de que sofre a economia dos Estados Unidos. E tanto mais grave é o mal, quanto, em contraste, o sistema mundial do socialismo desenvolve-se a largos passos e floresce em todos os domínios da atividade humana.

Segunda Guerra Mundial constitui uma fonte de montanhas de lucros para os monopólios norte-americanos. E essa situação excepcionalmente favorável ao imperialismo dos Estados Unidos prolongou-se por vários anos, ajudada em grande medida pela posição de inferioridade ocupada pelos outros países capitalistas atingidos pela guerra. Uma série de índices faz crer que chegaram ao fim os anos dourados do imperialismo norte-americano.

Quatro crises depois da guerra

Apesar das condições excepcionalmente favoráveis com que contava, a economia norte-americana já enfrentou depois da última guerra nada menos de quatro crises de superprodução. Deram-se elas em 1948-49 (com 14 meses de duração e uma perda de 46 bilhões de dólares no produto nacional bruto); em 1953-54 (duração: 9 meses e perda de 33 bilhões de dólares); em 1957-58 (duração: 8 meses e prejuízo de 35 bilhões de dólares) e, finalmente, a crise em que ainda estão mergulhados os Estados Unidos desde setembro do ano passado. Os três primeiros períodos de crise não significam que nos restantes a economia dos Estados Unidos se tenha caracterizado por períodos de ascenso. Assim, a partir de agosto de 1948 até abril de 1958, a

produção norte-americana cresceu durante 80 meses; nos restantes 36 meses, a produção ou decresceu ou se manteve estagnada.

Uma trágica ironia

Os últimos discursos pronunciados pelo presidente Kennedy recordam vivamente as históricas arengas de uma outra figura que a história já sepultou: Adolf Hitler. Num desses discursos, todavia, o sucessor de Eisenhower pretendeu debitar ao nosso tempo o drama terrível em que vive a economia do seu país. Disse ele: «E uma das trágicas ironias do nosso tempo que justamente no momento em que nosso poderio econômico livre se converteu na chave da força econômica do mundo livre, levamos uma vida que inclui extenso desemprego, setores importantes de depressão, instalações industriais que trabalham em ritmo inferior à sua capacidade e um índice de crescimento mais baixo do que a maioria das nações industriais, e muito inferior ao de nossa própria capacidade de crescimento».

Nesse simples período, resumiu Kennedy toda a fragilidade do gigantesco edifício norte-americano. Evidentemente, o fato de que não consigam os imperialistas norte-americanos curar ou sequer minorar os males que eles próprios são capazes de diagnosticar, não significa — longe disso! — apenas a ironia do nosso tempo, indica, pelo contrário, que se trata de males incuráveis nos marcos do capitalismo, e que resultam de um incompressível agravamento da contradição básica do capitalismo: o caráter cada vez mais social da produção, ao lado da apropriação capitalista. A capacidade de produzir, imensa; a de consumir, reduzida.

O desemprego

O professor Paul Samuelson é um dos mais decantados economistas norte-americanos. Livros seus, traduzidos para o português, são indicados em nossas escolas de economia. Atualmente, é apontado como o principal conselheiro econômico de Kennedy. Que diz ele? Acaso prevê um futuro melhor para os trabalhadores norte-americanos? Pelo contrário. Seus prognósticos — talvez otimistas — são no sentido de que a mão-de-obra sem colocação nos Estados Unidos crescerá este ano para 7,5% do total dos trabalhadores norte-americanos. Durante os últimos quatro meses, a taxa de desemprego — segundo o Departamento do Trabalho — manteve-se acima dos 6,5%. E das 150 principais áreas industriais norte-americanas nada menos de dois terços sofrem de «desemprego substancial». Entre Kennedy e o professor Samuelson, o número total de desempregados bateu um novo recorde para o mês desde o início da última guer-

ra: 5 milhões e 600 mil (segundo dados oficiais) pessoas sem trabalho. Tampouco é anormal o ritmo com que vem aumentando o número de empregos nos Estados Unidos. Assim, se entre 1948 e 1953, incorporaram-se à produção 5 milhões e 200 mil pessoas, entre 1953 e 1957 tal número reduziu-se para 2 milhões e 500 mil e nos três anos transcorridos entre 1957 e 1960 o número de novos trabalhadores incorporados à produção não foi além de 733 mil.

Ora, num país com acentuada expansão demográfica, como os Estados Unidos, (a taxa de aumento da população é de cerca de 1,8% ao ano) a diminuição da capacidade de absorção de mão-de-obra é a pior condenação que pode ser ditada contra as novas gerações. Foi esta a perspectiva que o desenvolvimento da técnica — sobretudo a mecanização e a automatização na indústria — abre para o futuro dos trabalhadores norte-americanos.

Perdendo terreno

Um destacado economista norte-americano, o professor Malcolm McNair, da Universidade de Harvard, em entrevista a uma revista norte-americana, há quatro meses, «estimou que o ano de 1961 para a economia do seu país será semelhante ao de 1960, isto é, de estagnação. Quanto ao futuro, porém, é menos otimista: «Eu me sinto menos confiante com relação à situação econômica do que em qualquer outro momento nos últimos 17-18 anos... Creio que o ano de 1959 marcou o término do período de pós-guerra, prolongado pela guerra da Coreia e também pelo episódio de Suez. Com o fim da década de 50, verificaram-se algumas modificações bastante grandes. Em primeiro lugar, se se falar de maneira muito grosseira, parece-me que os anos finais do último decênio foram testemunhas do começo do declínio dos Estados Unidos, como potência mundial. Em segundo lugar, o fim de 1959 e os primeiros meses de 1960 foram economicamente típicos de pós-guerra, estagnando por completo e nós atingimos... os anos da encruzilhada. Em terceiro lugar, em fins da década de 50, os demais países capitalistas, com a nossa ajuda, e com bastante fundamento, alcançaram na produção de bens de consumo o nível que há quatro anos, por exemplo, não atingimos um excedente de potencialidade produtiva e uma diminuição de que daí decorre, das possibilidades de investimentos. Em quinto lugar, em consequência dessas diferentes modificações econômicas e da nossa própria política, entramos no período das crises do balanço de pagamentos».

A guerra é solução?

E nesta encruzilhada que Kennedy (tal qual Hitler, pela força dos homens fortes que o cercam, eles próprios, o curso da História. Todavia, se a aventura de

Hitler significou para o capitalismo a perda direta de 14 milhões de homens quadrados e de uns 800 milhões de habitantes que se incorporaram ao socialismo — outro passo em falso, se Kennedy se animasse a dá-lo, seria o fim do capitalismo sobre a Terra. Porque os homens realmente fortes são os que estão com a história, em cada momento histórico.

Galvão defende o colonialismo em Angola

Numa infeliz entrevista ao «Jornal do Brasil», na última semana, o capitão Humberto Galvão, nome que se tornou bastante popular graças à proeza do «Santa Maria», pronunciou-se contra a independência de Angola. O sr. Galvão não apresenta qualquer argumento convincente para fundamentar o seu ponto de vista. Limita-se a repetir o eterno chavão dos colonialistas: a população de Angola não tem condições para autogirir-se, seu nível cultural é muito baixo, são pouco numerosos os seus quadros intelectuais, etc. Tudo, enfim, quando tem sido dito anos afora pelos defensores do colonialismo.

E um raciocínio inteiramente falso. Para refutá-lo não é necessário apresentar ao sr. Galvão argumentos de natureza teórica, matéria pela qual, aliás, ele parece não ter muitas preocupações. Basta apresentar-lhe a realidade dos nossos dias: as dezenas de novos Estados, especialmente na África, formados nos últimos tempos. Eram, todos eles, colônias contra cuja independência os ideólogos e políticos colonialistas utilizavam a mesma obscurantista alegação. Esses novos Estados, porém, uma vez conquistada a autodeterminação e constituídos como unidades soberanas, passaram a experimentar um impressionante florescimento, realizando em poucos anos o que os colonialistas — sábios e cultos — não fizeram, porque não lhes convinha fazer, em dezenas e centenas de anos.

A verdade está no oposto do que diz o político português: Angola, como qualquer outra colônia, somente poderá tornar-se um país de elevado padrão cultural depois de conquistar a sua independência. Essa é uma condição prévia, indispensável. Porque enquanto se mantiver o domínio estrangeiro e a dependência política, econômica e social, quando esse domínio é exercido por um país que não prima pelo avanço técnico e científico — todas as possibilidades de acesso do povo à cultura estarão barradas. Os angolezes estão adquirindo consciência desse fato e por isso preferiam não esperar que Portugal resolvesse criar em sua colônia as escolas, universidades e centros culturais que não instalou até agora, nem jamais instalará.

Ao levantar-se contra a ditadura fascista de Salazar o sr. Galvão contou com o apoio maciço do povo brasileiro e de todos os homens amantes da liberdade no mundo inteiro. Ao defender, porém, o colonialismo, sob qualquer disfarce, o sr. Galvão só pode decepcionar os que admiraram a sua coragem e a sua decisão de lutar.

A Revolução Cubana e o Povo de Jaguaribe

ALMIR MATOS

Através de três artigos que mereceram as honras de páginas inteiras do «Jornal do Brasil», o sr. Helio Jaguaribe, ativo professor do ISEB e hoje dedicado à sua própria pesquisa, tem o desejo objetivo de reformular, de modo mais consistente e claro, o sentido da revolução cubana, o significado de Cuba no contexto da guerra-fria e final e decorrentemente, a posição que o Brasil deve adotar em relação a tais eventos. Deve-se lembrar, aliás, para fazer-lhe justiça, que é tradicional no sr. Jaguaribe a tendência às reformulações. Há cerca de dois anos, dando lugar a uma ruidosa polêmica, pretendeu ele reformular o nacionalismo brasileiro e assim, que avançava, surgiu uma nova política de petróleo, em oposição ao monopólio estatal.

Em tese, só pode ser louvável o desejo de renovar ou substituir velhas fórmulas e assim, que avançava, surgiu uma nova política de petróleo, em oposição ao monopólio estatal. Em tese, só pode ser louvável o desejo de renovar ou substituir velhas fórmulas e assim, que avançava, surgiu uma nova política de petróleo, em oposição ao monopólio estatal.

No caso da revolução cubana, jamais o sr. Jaguaribe conselheira reformular o seu sentido negligenciando o reverso. Nem em face de seus orgãos e alguns dos seus mais importantes momentos históricos. E isso, ao lado de uma linha de pensamento bastante original, a visão do presente panorama mundial, é o que explica as falsas conclusões a que chega.

Para o tortuoso articulista não existia nenhuma relação entre a luta descevadada por Fidel Castro e seus legendários companheiros e as forças sociais atuantes em Cuba, não se deu a uma revolução inventiva, que só pôde chegar ao triunfo graças à «fraqueza intrínseca da ditadura de Batista». E agora, no entanto, o sr. Jaguaribe lê o discurso pronunciado por Fidel Castro em 1953 — sua famosa «díspnea ante o tribunal. A História me há de julgar...» — e declara que a revolução cubana não é mais do que a luta de classes, em circunstâncias às vezes bastante originais, para garantir o domínio estrangeiro e realmente, o sr. Jaguaribe é capaz de assegurar a independência do país e não construir uma sociedade justa e humana. Não a vitória dos dois interesses sociais em jogo o sr. Jaguaribe só pode mesmo incorrer em erros desastrosos.

Erros como o de afirmar que o triunfo dos interesses sociais em jogo, festejado por todos os países (incluindo-se, naturalmente, os governos AMI e ligonistas da América Latina), e ignorar o caráter revolucionário da luta de classes, em circunstâncias às vezes bastante originais, para garantir o domínio estrangeiro e realmente, o sr. Jaguaribe é capaz de assegurar a independência do país e não construir uma sociedade justa e humana. Não a vitória dos dois interesses sociais em jogo o sr. Jaguaribe só pode mesmo incorrer em erros desastrosos.

dadeiras, vacilantes ou condescendentes. Por isso não revela a menor preocupação em assinalar sequer a existência dessa luta, cujo desenlace, no entanto, decidiu o curso da revolução, um momento de primordial significação deixa, por esse motivo, por ser mencionado pelo sr. Jaguaribe, o que certamente não se dá por acaso: a tração da burguesia cubana, que preferiu entregar-se aos exploradores estrangeiros, fazendo depender das armas anaqueles, o seu vergonhoso fracasso mostra muito bem a impotência do imperialismo — a restauração de seus antigos privilégios.

O sr. Jaguaribe evita essas problemáticas, ou os confunde numa arcaica terminologia e dá ênfase sobretudo às repercussões internacionais da revolução cubana. E nesse ponto, precisamente, em que poderia salvar-se, por condenar qualquer nova tentativa lante de agressão, e que rompe os moldes abstratos. Tudo, no fundo, porque o sr. Jaguaribe não compreende ou não lhe convém compreender, o conteúdo essencial da época em que vivemos. Trata-se o traço principal dos nossos tempos é a contradição entre a unidade técnica do mundo contemporâneo e o pluralismo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica», procura acenar o absurdo, e não é exatamente nos dias atuais, mas de décadas. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, não é o mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias. Que alarmante «descamisso político»! Anunciando a «unidade técnica»,

Notas Sobre Livros

Ocupações e preocupações inadiáveis me impedem de citar mais demoradamente de cada um dos livros que tenho recebido nestes últimos meses. Sou por isso forçado a fazer um simples registro coletivo dos mesmos, mais assustado desse modo não me agradeço aos autores e editores que me obsequiaram com suas obras.

Carla Próspero — *Canta Próspero*. Edição Vitória. É já o sétimo livro de poemas do autor, em plena forma e avançando sempre em seu labor de aperfeiçoamento.
Poesia Alameda. Edição do Serviço de Documentação do MEC. Antologia de 400 páginas contendo traduções próprias e alheias em versos crasílicos, de poemas de uma centena de poetas alamedas.
Mary de Oliveira — *Explicação de Neruda*. Edição da Livraria São José. A autora, cuja escrita, com o livro *Cerco da Primavera*, foi uma verdadeira revolução, confirma aqui e amplia seus dotes excepcionais de poeta.

Fernando Mendes Vianna — *A Chave e a Pedra*. Edição da Livraria São José. É este o segundo livro de um jovem poeta, que promete ir longe, e já agora é mais que simples promessa.

Alcides Pinto — *Iba dos Patrapachas*. Edição da Livraria São José. Patrapachas, não que parece, é uma ilha surrejada, perdida em mares também surreais. Em referência prosaicamente preferir a ilha realista de Cuba; mas gostei não se discute, e o poeta é livre de se entregar a todas as experiências formais, inclusive as que levam a tão perigosas ciladas como essas que o chamam de concretismo. Este armando a jovens mais ou menos incertos. Francamente, e não curialmente, eu sugeria a Alcides Pinto uma viagem — mesmo imaginária, não concreta — a ilha de Cuba, que é a ilha de Nicolás Guillén.

Cardoso da Foz — *Contos Revolucionários*. Gráfica Editora Aurora. Este poeta que oscila entre extremos de combatividade e de lirismo comprou passagem para Cuba, mas ao que parece não chegou a embarcar. É pena. Do seu livro eu estou preferindo, por enquanto, os versos casimirienses de Cabo Frio — apesar das cantinatas.

Jamil Almansur Haddad — *Romanceiro Cubano*. Editora Brasiliense. Já o meu companheiro Rui Faço ocupou-se deste livro neste jornal. Nada tenho a acrescentar aos merecidos elogios que já li aqui apenas, que Jamil Almansur Haddad foi mesmo a Cuba, viu e sentiu Cuba, impregnou-se de Cuba, interiorizou-se em Cuba, Cuba de Fidel e de Guillén — e daí o seu magnífico *Romanceiro Cubano*.

Alfonso Avila — *Carta do Solo* — Edição "Tendência", Belo Horizonte. A sugestão de Cuba é tremenda — e boníssima, convenhamos. O poeta Alfonso Avila foi fundado na velha e sofrida terra mineira, está sentindo os mágicos efeitos da reformada terra cubana. Tanto muito fino e sutil, mas fazendo vibrar as cordas da lira, linda bem.

Entre a poesia e a filosofia nem sempre a distância é muito grande. Não se deve estranhar, portanto, que o registro de lantos poemas seja encerrado com um filósofo.

Alcântara Nogueira — *Ideias Vivas e Ideias Mortas*. Edição da Organização Simões. Este livro data de 1957, mas só o recebi recentemente, de sorte que devo incluir neste resenha. Todavia, falado de ideias vivas e ideias mortas, não há falar de poesia. Ainda o registro tem de ser exato, reduzido ao mínimo a área imaginativa. O volume do prof. Alcântara Nogueira é prefaciado pelo filósofo filio-argentino Volodto Mondolfo, nome sobejamente conhecido entre nós. Separa-se uma introdução do próprio autor, que se divide em duas partes: a primeira, subordinada ao título — "A ideia no pensamento filosófico", e a segunda tratando da — "Significação sócio-histórico-filosófica do panfletismo grego". No final, uma biografia adequada aos temas versados no volume. Eu não me animaria a comentar este livro, mesmo que dispusesse de espaço, pois em matéria de filosofia sou apenas leitor interessado. Mas não me custa reconhecer no prof. Alcântara Nogueira um pensador de bom senso, que trabalha com respeito de quantos no Brasil lidam com coisas do espírito.

Correspondência — Jaime Blanco. comunique-me com urgência o seu endereço.

O Homem no Espaço

F. A. GOMES NETO

Uma das muitas coisas incômodas da vida é ter que bater palmas quando se tem as mãos ocupadas, como está fazendo o "mundo livre" diante da nova e mais uma vez extraordinária façanha dos soviéticos. Enquanto confeccionam armas de todos os matizes para combater o "comunismo" ou estão de mãos abertais, com todos os dedos, em cima das "traições" ou "bens" que o "comunismo" lhes possa "tomar", muitos são obrigados a interromper por um instante o seu afã, a olhar para o alto e aplaudir contrafeitos. Há cerca de vinte anos um "professor" de Direito escrevia em um de seus livros que a mulher russa é uma cadeia, porque não pode criar os seus próprios filhos; e outro, "líder nacional", escrevia em outro livro que as mulheres na Rússia são obrigadas como vacas porque não podem amamentar os seus próprios filhos. Enquanto isso, no entanto, os soviéticos educam e preparam uma nova geração de homens e mulheres, diferente de todas as gerações que já existiram em todo o mundo e, ao mesmo tempo, aproveitando em todas as ocupações úteis e dignificantes as verdadeiras

artidões naturais; e nos continuamos a hoje a discutir inclusive se o governo tem ou não o "direito" de dar instrução, mesmo primária apenas, geral e obrigatória, ao povo brasileiro. Verdaderamente o "mundo livre" atual não difere do anterior, tem a sua origem em 1917, quando atravessou as fronteiras da Finlândia para a Rússia um homem baixo, como muitos, de estatura física, e alto como poucos de estatura moral, que pensava pouco em si mas que pensava muito na Humanidade, que havia sofrido tanto como qualquer outro ser humano e que mais do que qualquer outro sabia o que era preciso fazer para a salvação do homem, instituindo em seguida, no dizer inusitado de Henry Thomas, "a primeira experiência humana de governo honesto". De lá em diante a "civilização ocidental", pelo menos no Brasil, pôs Lênin nos ombros das escolas com um fôlego de criminoso de gravata torça, vestes desilhonadas e acompanhado de referências reticentes ou abertamente contrárias ao novo e mais justo e humano sistema de organização social, que havia criado. E até em 1940, quando Lê-

ni já havia succubiado ao seu trabalho hercúleo há vários anos, ainda os líderes soviéticos vivos apareciam em cartazes no Rio de Janeiro destrinchando uma criança assada num grande prato. Nada disso, nada disso que a União Soviética salta duplamente vitoriosa da guerra que o "mundo livre" fought contra o "comunismo", mas também que se transformasse logo em seguida em campê e ganhadora única da Paz, ao mesmo tempo que araula e realizadora incoerente do Progresso.

Os que têm olhos não podem mais fingir-se cegos, porque se tudo o que já se fez de grande pelo homem na União Soviética, desde Lênin, não foi visto senão por alguns, pelo menos o homem percorrendo o espaço é forçado que seja visto por todos. Mas este fato é apenas um dos resultados, e talvez dos menos importantes, de uma profunda revolução de uma transformação radical, que, antes de colocá-lo no espaço, tornou e está tornando o homem verdadeiramente humano sócio e próprio Terra. Se a União Soviética hoje pode realizar proezas extraordinárias para se fazer conhecida e res-

peitada inclusive pelos de fora, é porque de fato já fez proezas iguais ou ainda maiores dentro de suas próprias fronteiras desde que é conhecida, respeitada e glorificada pelos próprios povos que a constituem. É o exemplo deve servir não para desanimar diante do que é grandioso e certo, mas, ao contrário, para um exame imparcial do que é mesquinho e errado. As conquistas do homem, afinal, em seu sentido mais alto e último, não são de nenhum povo ou país, mas de toda a humanidade. O que é preciso para participar delas como agentes e não como simples espectadores, obrigados apenas a bater palmas sempre, é os homens sabermos qual é o caminho único ou melhor que leva às autênticas conquistas. No caso não há de ser o "socialismo" e imaginando armas para combater o "comunismo", falando em "liberdade" em "mundo livre" e em "engenharia do homem" ao mesmo tempo em que se conserva o homem na escuridão e na ignorância, na sujeição da exploração do homem pelo homem, que degrada e avilta tanto os explorados como os exploradores.



«BRASIL SÉCULO XX» TRADUZIDO NA ARGENTINA

Acaba de sair em Buenos Aires a edição espanhola de "Brasil Século XX" de Rui Faço, em tradução de Carmen Alfaro. Trata-se de uma grande obra destinada a todos os países da América Latina de língua espanhola.

"Brasil Século XX" foi incluído como primeiro volume de uma coleção da Editorial Platina de Buenos Aires denominada "Colección Problemas de América". Na apresentação da edição argentina dizem os editores:

"Com este volume torna-se realidade de uma ideia ambiciosa que exigiu de nós ingentes esforços para reunir um qualificado grupo de escritores. Trata-se da 'Coleção Problemas da América' em que cada país desta sofrida parte do continente terá um volume

que dará a conhecer, além de uma visão retrospectiva, os grandes problemas da época presente". E acrescentam: "Existem muitos livros sobre o Brasil, mas dificilmente estas obras abrangem todo o seu conjunto. Em "Brasil Século XX" Rui Faço consagrou em síntese eloquente e resumir a história de seu país, sua análise de suas estruturas, o estudo de seus problemas e de suas perspectivas". E concluem: "Esta obra, que os leitores encontrarão neste volume um importante documentário de estudo e uma resposta a todas as suas interrogações".

«Brasil Século XX» em tcheco, eslovaco e russo

A tradução tcheca de "Brasil Século XX" está pronta (tradutor: professor Zdenek Hompej), devendo sair até o fim do ano.

Rui Faço recebeu uma carta da Bratislava propondo a tradução de seu trabalho para o eslovaco.

De Moscou recebemos a informação de que "Brasil Século XX" já está sendo traduzido para o russo, devendo a tradução sair muito em breve, enquanto o periódico "Za Rubjém" está divulgando trechos que mais de perto interessam ao leitor soviético.

Quando a edição brasileira, está praticamente esgotada, pela Editorial Vitória tem assegurado a distribuição dos exemplares restantes.

Na edição argentina de "Brasil Século XX".

Na edição brasileira, está praticamente esgotada, pela Editorial Vitória tem assegurado a distribuição dos exemplares restantes.

Na edição argentina de "Brasil Século XX".

Chefe de Polícia fascista tentou impedir manifestação

REPÚDIO TOTAL EM SANTA CATARINA À AGRESSÃO DOS EUA CONTRA CUBA

FLORIANÓPOLIS, abril (do Correspondente Fernando Pereira) — Diversas manifestações foram realizadas nesta capital, nos dias que se seguiram à invasão de Cuba por mercenários a serviço dos imperialistas norte-americanos de solidariedade ao povo cubano. Estudantes e trabalhadores manifestaram nas ruas seu repúdio ao ato covarde e, na Assembleia Legislativa, numerosos deputados se pronunciaram em defesa da Revolução de Fidel Castro e condenaram a intervenção dos Estados Unidos.

De realce foi o pronunciamento da Comissão Santa-catarinense contra a intervenção em Cuba, que divulgou um vibrante manifesto do povo do Estado. O documento foi assinado, entre outros, pelo deputado federal e vice-governador Daniel Andrade, pelo deputado Agostinho Mignoni, primeiro secretário da Assembleia Legislativa, pelos vereadores Moacir Pereira, presidente da Câmara de Florianópolis, Hélio Peixoto, Júlio Paulino da Silva, Manoel Alves Ribeiro, Domingos F. de Aquino e pelos vereadores de Crigüema Yálio Faraço e Manoel Ribeiro. O documento também foi assinado por dirigentes sindicais de todo o Estado.

Violações

Durante as manifestações em defesa de Cuba, a polícia de Florianópolis cometeu violências contra dirigentes

sindicais e estudantis. Por ordem do Secretário de Segurança do Estado, foram detidos presos de sindicalistas que distribuíam panfletos. José Adul de Lima, Vivaldo Francisco da Rosa e Walter Francisco da Rosa, os três líderes aprelados, foram imediatamente postos em liberdade graças à intervenção e ao protesto de todos os líderes sindicais de Florianópolis, que se dirigiram ao governador exigindo a soltura dos líderes. O sr. Celso Ramos, na oportunidade do encontro, condenou a arbitrariedade cometida pelo secretário de Segurança e prometeu aos líderes sindicais que as liberdades democráticas seriam garantidas em toda a Ilha.

Apelo ao governo brasileiro para que vote na ONU a favor da autodeterminação dos povos

VITÓRIA: ATO POPULAR DE SOLIDARIEDADE AO POVO CUBANO

VITÓRIA (E. Santo), (do Correspondente) — O povo desta capital viviu com emoção e indignação os dias da covarde agressão norte-americana contra o povo cubano. Numerosas manifestações de protesto foram realizadas

e grande número de pronunciamentos de solidariedade a Cuba foram formulados por personalidades políticas, líderes estudantis e sindicais e de organizações populares.

Dentre as manifestações realizadas em Vitória, destacou-se o grande ato público realizado no dia 21, nas escadarias da Assembleia Legislativa, do qual participou grande massa de assistentes. O ato, convocado pela comissão que preside os trabalhos do ex-deputado fluminense Lincoln Oest, foi expressivo, além da presença popular, pela participação de numerosas personalidades.

Antes do sr. Lincoln Oest, usaram da palavra o sr. Otávio F. Goffredo, delegado do Trabalho; o deputado Mário Gurepi, presidente da Assembleia Legislativa do Estado; o deputado Maia de Carvalho; o vereador Elie Mousatché; o sr. Manoel Santana, presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas e o sr. Duzidio Ribeiro, do Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil.



COMÍCIO EM BRASÍLIA: SOLIDARIEDADE A CUBA

Realizou-se, quinta-feira, dia 20, às 20 horas, na Praça D. Bosco, na Cidade Livre, um comício de solidariedade a Cuba. Convocado por um manifesto assinado por mais de 20 deputados, presidente do Sindicato dos Trab. na Construção Civil, da Associação dos Ambulantes, da Associação dos Funcionários da NOVACAP e outros representantes de Associações profissionais e de moradores das cidades satélites, o ato teve grande repercussão.

Falaram os deputados Celso Brant, José Silveira, Silvio Braga, Neiva Moreira (contou o incidente que tiveram com o Cabot) e Bento

Gonçalves, presidente da FPN, que encontrou comício. Além de outros oradores, mais Heitor Silva, presidente do Sind. Trab. Construção Civil, Vicente Medeiros, vice-presidente da Associação dos Servidores da NOVACAP, José Rodrigues da Silva, em nome do presidente da Associação dos Ambulantes, Francisco Carvalho, da Associação dos Moradores de Vila Dimas. Foram lidos o telegrama de solidariedade a Cuba e protesto contra a invasão assinado por jornalistas e um memorial de moradores de Sobradinho ao embaixador de Cuba.

Povo de Petrópolis invaso de Cuba e contra EUA

Telegramas com dezmas de assinaturas foram enviados às embaixadas cubana e norte-americana, a propósito da invasão de Cuba. No primeiro, o povo petropolitano expressava sua solidariedade ao povo cubano, e, no segundo, protestava junto às autoridades iniques contra a intervenção em Cuba.

Sindicatos de Petrópolis contra invasão de Cuba

Líderes sindicais da cidade de Petrópolis encaminharam telegrama à embaixada norte-americana e à Organização das Nações Unidas, manifestando o seu repúdio à invasão de Cuba. Simultaneamente, enviaram telegrama à embaixada cubana, prestando o seu apoio e solidariedade à luta de libertação do bravo povo de Cuba.

Pela legalidade do PCB e contra intervenção em Cuba

A Câmara Municipal de Cabo Frio aprovou moção apresentada pelo vereador Francisco Ribeiro, pela legalidade do Partido Comunista do Brasil.

Na mesma sessão, foi aprovada moção de protesto contra a intervenção norte-americana em Cuba.

Nova Iguaçu: Câmara Municipal quer o PCB legal

A Câmara Municipal de Nova Iguaçu encaminhou moção à Câmara dos Deputados, solicitando que sejam tomadas as providências necessárias a fim de que o Partido Comunista do Brasil passe à legalidade.

Vereadores de N. Iguaçu aplaudem feito de Gagárin

A Câmara Municipal de Nova Iguaçu aprovou moção apresentada pelo vereador Nilo Dias Teixeira, expressando congratulações aos cientistas e ao povo soviéticos pelo lançamento do primeiro cosmonauta, Yuri Alexievitch Gagárin.

Ajuda à NOVOS RUMOS

Mariota — Bonsucesso — Rio	500,00
J. C. — Rio	50,00
Amigos de Angola Reis — E. Rio	1.000,00
Gambeta — Rio	1.000,00
Um amigo — Guanabara	100,00
Amigos Árabes — Curitiba	1.000,00
4 ferroviários de Coimocim — Ceará	1.000,00
	4.650,00

VAIDADE DAS VAIDADES

Digam o que disserem jornais e jornalistas, não considero nenhuma homenagem a escritores e artistas o fato de mandá-los como embaixadores para países distantes, como ainda fazendo o presidente da República. Eu, por mim, considero isso de um ridículo total. Por maior que seja minha admiração, respeito e admiração pelos escritores e artistas, não acho muito mais útil ao país e à inteligência brasileira, e muito mais digno também, dar-lhes cargos aqui mesmo, de acordo com seus conhecimentos e capacidade, tornando-os úteis e úteis ao país e ao mundo.

O Itamaraty tem milhões de erros, milhões de defeitos, mas é, afinal e apesar de tudo, uma escola de diplomatas. Há o sr. Rui Branco que é sério, seríssimo mesmo; homens e mulheres só conseguem entrar para o Itamaraty depois de um mundo de exames, de provas, de provas, de provas. Então, postos a duras penas, conhecem problemas, estudam, tem contato diário com assuntos internacionais, sabem como agir neste ou naquele caso. Diziam-me um amigo que a diplomacia é apenas saber comer direito, saber onde sentar num banquete, conhecer as roupas necessárias a este ou aquele fim, saber fazer salamaleques, etc. Não creio que seja bem assim, como também não me parece que uma pessoa por mais lúcido, sábia, inteligente que seja possa, de um dia para outro, ir representando nosso país defendendo nossos direitos, divulgar nossa existência, apenas pelo seu talento intelectual e pelo talento de ser amigo ou faxão do presidente da República.

Gostariamos de saber porque um general foi nomeado ginecologista chefe de um hospital? Afinal há uma Faculdade de Medicina e para alguém ser médico é preciso fazer um curso demorado, estudar mesmo. Uma costureira pode sem dúvida dirigir um automóvel mas para tal precisa tirar sua carta de chofeur e não poderia pilotar uma via sem seu próprio certificado.

Não sou mulher de espartilho diante dos problemas da vida. Sempre andei de olhos bem arregalados, querendo tudo entender, e, por isso mesmo, não me espanto com as nomeações para embaixadores. Espanto-me, liso sim, de que os critérios de seleção para nomeações sejam tão acientistas um copo de nisque ou um salgadinho, numa festa.

Entim cada um faz o que entende e não sou nenhuma ingênua que não saiba até onde pode chegar a vaidade dos homens. "Vaidade das vaidades, tudo não é senão vaidade". Mas o que não admito é que me venham dizer que o presidente Jânio Quadros com essas nomeações está prestigiando escritores e artistas brasileiros.

O assunto é vastíssimo; mas para que comentá-lo ainda mais? Vasto e ridículo.

Astroldio Perreiro

Tópicos Típicos

Problema na entrevista que imaginei com o falecido e nada saudoso Adolf HITLER, através do livro que ele nos deixou: "Minha Luta" (edição da Livraria do Globo, 1941).

PS — O que acha o sr. da livre organização sindical?

PS — "E" o mais temível instrumento de terror contra a segurança e independência da economia nacional, a solidez do Estado e a liberdade dos indivíduos. (pág. 49).

PS — Sua opinião sobre o judeu? H — "O judeu é o maior inimigo da moéstia, e a mentira e a fraude são as únicas armas das sua luta. Quem, pela manhã, ler um jornal judeu e não tiver sido pelo mesmo difamado, não aproveitou bem o seu dia". (pág. 298).

PS — E sobre a criação do Estado de Israel? H — "Os judeus não cogitam absolutamente de implantar na Palestina um Estado para ali viverem... Querem apenas um refúgio seguro para a sua castidade. Isto é a única meta da sua existência". (pág. 277). "Se os judeus fossem os habitantes exclusivos do mundo, não só morreriam sufocados em sujo e porcaria, como tentariam vencer e exterminar-se mutuamente". (pág. 258).

PS — Há uma tarefa superior? Por que acredita nisso? H — "Os arianos — raça que foi e é o expoente do desenvolvimento cultural da humanidade" (pág. 251). "Com assombrosa clareza e experiência histórica demonstra que, no todo, mistura de sangue entre o Ariano e povos inferiores, o resultado foi sempre a extinção do elemento civilizador". (pág. 244).

PS — Trata-se, então, de uma predestinação? H — "Genialidade verdadeira é sempre inata". (pág. 250).

PS — Como vê o sr. as massas populares? H — "Assim como as mulheres, cuja receptividade mental é determinada menos pela estrutura do que por uma indefinida necessidade sentimental de uma força que as complete, e, por isso, preferem curvar-se aos fortes a dominar os fracos, assim também as massas gostam mais dos que os comandam do que dos que pedem". (pág. 43). "A capacidade de compreensão do povo é muito limitada, mas, em compensação, a capacidade de esquecer é grande". (pág. 157).

PS — De fundamentos da sua visão do mundo não são irracionais? H — "Em política não é raro o sentimento decidir mais acertadamente do que a razão". (pág. 151).

PS — Qual é a reação quando lhe falam do êxito de um negro? H — "Um negro que se eleva a uma posição de destaque, desmemorizado mundo burguês que se trata de um ultraje à nossa raça". Pois é uma criminosa idiotia adestrar, durante muito tempo, um meio humano, até que se acredite que ele se fez educado, enquanto milhares de indivíduos pertencentes às mais elevadas raças permanecem em uma posição inteiramente indigna deles". (pág. 338).

PS — Mais uma pergunta: o sr. ter

Experiências Dos Metalúrgicos no Trabalho e Sindicalização

Os Trabalhadores da GB e o 1.º de Maio

LOURIVAL COSTA

JOSÉ LELIS DA COSTA, secretário do Sindicato dos Metalúrgicos da Guanabara

O nosso sindicato foi fundado em 17 de maio de 1917. Naquela época os nossos companheiros eram duramente perseguidos pelas autoridades governamentais. Vários deles a nossa entidade foi fechada pela polícia. Mas os

nossos heróicos companheiros sempre conseguiram reabrir-lo.

A partir de 12 de novembro de 1932, quando voltou a ser reorganizado, o nosso Sindicato entrou em uma nova fase de sua existência. Os velhos lideres

começavam a levar à prática as suas experiências. Uma campanha reivindicatória de envergadura foi iniciada, ao mesmo tempo que começou a luta para levar o Sindicato até os amplos, organizando nelas os Conselhos Sindicais. Deste modo, em 1947, já o nosso Sindicato contava com mais de 200 Conselhos Sindicais de fábricas e oficinas, e com mais de 20 mil metalúrgicos sindicalizados.

Em 1947, as hostes reacionárias em nosso país, assustadas com o avanço do movimento operário, resolveram golpear, mais uma vez, a classe operária. O governo de então, General Dutra, interveio em mais de 400 sindicatos, entre os quais os dos metalúrgicos cariocas. Esta intervenção durou sete longos anos. Com isso, os trabalhadores abandonaram em massa sua entidade que ficou reduzida a 4 mil sócios, e os Conselhos foram dissolvidos outros ficaram em tanto inativos, mas outros continuaram atuando. As lutas reivindicatórias foram sufocadas.

Em 1953, após grandes movimentos de massas, o Sindicato volta à sua vida legal, as correntes antagonistas logo a seguir se unificam, e os movimentos começam a se desenvolver. A entidade passa a dirigir com mais objetividade as campanhas reivindicatórias da corporação e participar dos lutas gerais do movimento operário. Os Conselhos Sindicais das fábricas e oficinas já ultrapassavam em várias dezenas a casa dos cem, e o quadro social aproximava-se dos 30 mil.

Os companheiros que estão à frente dos destinos da corporação nos últimos 7 anos, têm aplicado uma série de experiências do passado, principalmente no terreno da organização nos empreendimentos. O exemplo de cima para baixo, vê-se que a Diretoria do Sindicato se apóia, inicialmente, em vários comitês auxiliares como os de Recreação, Cultura e Sindicalização. Em seguida, tendo em vista que os 65 mil metalúrgicos estão espalhados pelo Estado do Guanabara e seus municípios do Estado do Rio, a Diretoria apóia-se nas Delegações Sindicais, em número de cinco, para facilitar a existência dos companheiros que ficam distantes da sede central, dando-lhes os meios necessários para solucionar os seus problemas e conquistar suas reivindicações. Entretanto, a mola mestra que impulsiona as lutas são os Conselhos existentes nos locais de trabalho.

Os Conselhos Sindicais estudam os problemas existentes no local de trabalho, tais como de higiene, segurança no trabalho, aumento de salário, condições de vida, levam o orientado ao Sindicato e trazem ao mesmo tempo informações sobre o que se passa nos empregos; parolamentam com os diretores das fábricas sobre esses problemas no sentido de solucioná-los. Por ocasião das últimas greves realizadas pelos metalúrgicos, os Conselhos Sindicais foram os verdadeiros baluartes da luta e da vitória.

Esses Conselhos são eleitos pela totalidade ou por maioria dos sócios existentes no emprego, por abaixo-assinado, por escrutínio secreto ou por adotação. Essas eleições podem ser realizadas nos próprios locais de trabalho, nas sedes das Delegações ou no próprio Sindicato. As eleições obedecem as seguintes normas: empresas com mais de 5 e menos de 20 sócios, um delegado e um suplente; com mais de 20 e menos de 50, 3 delegados; com mais de 50 sócios, 3 delegados e quatro delegados auxiliares se fizerem necessários.

Esses Conselhos têm seus mandatos terminados 30 dias após o fim do mandato da Diretoria eleita do Sindicato. Os seus membros podem ser reeleitos. As eleições são, em regra, bastan-

te movimentadas, despertando discussões e disputas dentro das fábricas.

É verdade que nem todos os Conselhos vivem com o mesmo entusiasmo. Isso se explica, ora porque têm à frente dirigentes jovens, sem a necessária experiência, ora pelas dificuldades existentes e também pela falta de assistência da cúpula dirigente do setor, que não se preocupa devidamente com a ajuda dos companheiros que atuam dentro das empresas. Quanto a isso já providenciamos a correção desses defeitos, através de cursos e palestras devidamente preparados, e que têm sido recebidos insistentemente pelos companheiros de base.

Com referência ao reforçamento do quadro social, estamos realizando uma campanha de sindicalização objetivando 10 mil novos sócios até o 3.º Conferência dos Metalúrgicos, a realizar-se de 5 a 7 de junho vindouro. Com esse objetivo, além da propaganda escrita e falada, temos realizado palestras nas portas das fábricas, barracos, filas e sindicalizados ambulantes, onde, mais uma vez, os Conselhos de Fábricas têm jogado um importante papel. Onde os seus dirigentes tomam a campanha em suas mãos, os resultados são grandes como na Fábrica Nacional de Motores, onde nos últimos meses foram sindicalizados mais de 1.000 novos companheiros. Em muitos outros empregos, os resultados também têm sido animadores.

As experiências nos ensinam que o trabalho principal e fundamental deve ser dirigido para as bases, nos locais de trabalho, procurando-se elevar cada vez mais a capacidade de comando dos dirigentes que ali atuam, para que as massas de trabalhadores tomem em suas mãos a conquista de suas reivindicações, tanto no terreno econômico, como no político e social.

Nas comemorações do dia 1.º de Maio, que os trabalhadores do Estado do Guanabara levaram a efeito, que se sedes sindicais quevernes portas das fábricas e culminando com o comício na Praça da Bandeira, ficou bastante clara e perfeitamente definida a disposição em que se encontra a classe operária de prosseguir na luta há muito iniciada e conquistar o bem-estar de todo o povo e o progresso da Nação.

Se de um lado os trabalhadores demonstram preocupações em face da diminuição do salário real, como consequência inevitável da política inflacionária, agravada fortemente pela recente legislação 204, que em poucos dias determinou em 80% o aumento do preço da gasolina e em 30% o aumento do pão e macarrão, em 15% o aumento nos preços dos transportes e, de forma astronômica, o aumento nos preços do vestuário, de outra lado percebem-se, claramente, e entusiasmo que estavam possuídos, convencidos e conscientes de que as agruras, a exploração e a opressão terão um fim, e que, como classe, têm um futuro definido, represseniam e defendem o que existe de mais progressista.

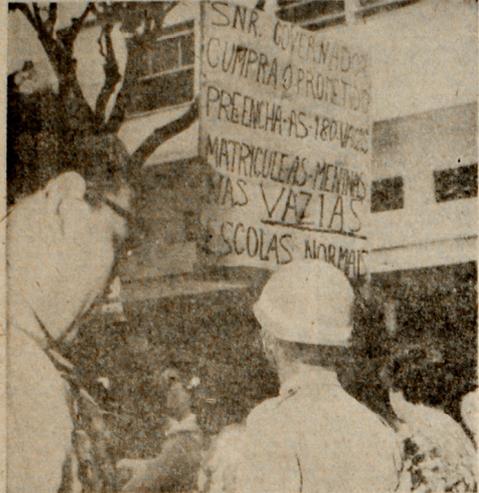
Comemorando o 1.º de Maio os trabalhadores cariocas externaram os seus pontos-de-vista, reivindicando que não só a eles pertencem, procurando assim contribuir para as soluções dos problemas que atingem a todo o povo. Além disso, a festa dos trabalhadores tal como se realizou foi também um chamado para a ação das demais forças e camadas interessadas no progresso e no desenvolvimento independente deste país, mostrando assim mais uma vez que a classe trabalhadora avança no sentido de ocupar o lugar que lhe compete no cenário político do Brasil, desempenhando ponteiro o seu papel de força motriz.

O problema levantados, a argumentação dos oradores, o plano de ação apresentado, revelam antes de tudo a maturidade do movimento operário que se vem tornando uma força poderosa e respeitável, com capacidade de influir na conjuntura política nacional. Este esforço e objetivo trabalhista apresentado, é obra e fruto das lutas realizadas pelos trabalhadores, sucessivas reuniões, conferências e congressos que o movimento operário tem levado a efeito. E consequência, portanto, de um trabalho coletivo, de amplos debates com a participação de milhares de trabalhadores e não a expressão de um pensamento isolado de um grupo ou de pessoas.

Não se trata de tarefas a serem cumpridas e de metas a serem atingidas, exclusivamente pelos operários. As reivindicações expostas são de tal envergadura que exigem a mobilização das demais camadas da população que também virão a ser beneficiadas com a vitória das medidas realistas e objetivas propostas.

O plano de ação consiste nos seguintes reivindicando: aumento de salários e vencimentos, revisão do salário mínimo; aprovação da lei antitruste, limitação da remessa de lucros para o estrangeiro; isenção do imposto de rendas sobre os salários até 5 vezes maior que o salário mínimo; salário móvel e profissional, escolas públicas para o povo e reforma agrária, além da defesa dos direitos de greve, livre organização sindical e popular e luta pelo cumprimento da Lei Orgânica da Previdência Social e sua extensão aos trabalhadores domésticos e rurais. Solidariedade com os povos coloniais que lutam por sua emancipação e o apoio feito ao presidente da República para que mantenha na posição de respeito a autodeterminação de todos os povos e do povo cubano particularmente.

A posição da classe operária no ensejo das comemorações do 1.º de Maio significa um estímulo a todos os porteiros para a batalha que vem sendo travada pela emancipação econômica de nosso país, pela preservação da paz e por melhores dias para o povo brasileiro.



Lacerda Organiza Missa Estudantes Querem Vaga

Enquanto 50.000 crianças do Estado do Guanabara ficam em hospitais filiais de freqüente ociosidade, apesar das promessas enfadonha e rotineiramente repetidas durante a campanha eleitoral pelo atual governador (1), as que conseguiram matricular-se são obrigadas a comparecer a homenagens arrumadas para embelezar o "benefício" da educação guanabara. Foi o que ocorreu sexta-feira, dia 28, quando foi

rezada, com a participação de Lacerda, uma missa no Rio Comprido (Lacerda fez um comício na própria igreja). Dizem que patrocinada pelos alunos do Colégio Pereira Passos. Mas nem na missa o ocupante do Palácio Guanabara se viu livre do povo, que, em cartazes como o de foto (polícia à vista), exigiam o cumprimento das promessas esquecidas.

Cineclubismo

Continuamos hoje com o noticiário dos cineclubes cariocas e fluminenses, abordando o que se faz em matéria de cinema no setor estudantil, onde se encontra uma grande atividade. O movimento cineclubístico entre os estudantes é liderado pelo "Grupo de Estudos Cinematográficos da União Metropolitana de Estudantes" — isto é, o dinâmico GEC da UME. Esse cineclubista exibe via de regra dois programas por semana, sendo um destinado para os sócios, às quintas-feiras na ABI, e outra aos sábados no Auditório do MEC (frequada a todos os estudantes e público, às 20 horas). As atividades do GEC correspondem sempre ao estudo dos diversos gêneros cinematográficos, à obra dos principais artistas antigos e modernos oferecendo-nos a oportunidade de conhecer "ao vivo" a história, a técnica e as tendências da arte cinematográfica. A finalidade do GEC da UME, além do estudo pelo próprio cinema, é a difusão da arte cinematográfica em todas as escolas e faculdades do Rio de Janeiro, funcionando como um Departamento da União Metropolitana de Estudantes.

Como podemos observar é enorme a atividade do GEC da UME, que tem mais de 15 filiais. Existe ainda o Departamento de Radiodifusão, com o programa Tempo de Cinema, às quintas-feiras às 17 horas, na Rádio Ministério da Educação, fazendo parte do programa Tarde Estudantil.

Como podemos observar é enorme a atividade do GEC da UME, que tem mais de 15 filiais. Existe ainda o Departamento de Radiodifusão, com o programa Tempo de Cinema, às quintas-feiras às 17 horas, na Rádio Ministério da Educação, fazendo parte do programa Tarde Estudantil.

A Paz de Gagárin

ANA MONTENEGRO

Passem séculos e a história será contada. A história do primeiro cosmonauta. O ano de 1961 será o ano de Gagárin. E o século XX — o século das conquistas sociais — será, também, o século da conquista do espaço. Faltava e faltam nos jornais e revistas de todo o mundo são dedicadas a Gagárin. Suas duas filhas, sua mulher, seus estudos, sua carreira, sua vida. Todas as suas palavras sobre a forma da Terra, sobre o brilho do Sol e das estrelas. As músicas e os rapazes de Moscou festejaram, nas ruas, o grande feito. Todos os corações se alegraram. Recepções. Convites. E poemas para Gagárin.

Mas há muitas lembranças em torno de Gagárin. A lembrança de todos os homens e todas as mulheres que contemplaram na tela do primeiro cosmonauta realizar o grande sonho de toda a humanidade. O grande sonho que foi lenda e foi profecia. Os homens e as mulheres que trabalharam, noite e dia, pesquisando, experimentando, calculando, corrigindo, aperfeiçoando, construindo, com inteligência e com amor, tudo o que permitiu a um homem de amor que precisava os grandes empreendimentos. Os homens e as mulheres do socialismo.

Mas existem outras lembranças ligadas ao lançamento do primeiro homem ao espaço cósmico, que podem servir de termo de comparação entre o capitalismo e o socialismo. É um bom lugar onde, para que nada se perca dessa vitória do socialismo. Foram sonhos os tempos em que os Estados Unidos atiravam de bomba atômica no mar, exibindo poder. Já tinham feito a manobra de Hiroshima e Nagasaki. E ameaçavam o mundo inteiro, no som das marchas fúnebres do piano desafiado de Truman. E até se contava a história daquele menino americano a quem o pai ofereceu todos os brinquedos, e que se recusava, exigente e desesperado. O psiquiatra aconselhou que lhe dessem uma metralhadora de verdade. Mas o que o menino queria mesmo era uma boneca. Quando o pai ofereceu a boneca, o menino ficou feliz. Pobre menino americano! Foi esse odio e essa história que mataram a Rozenberg. Mas, agora, é o socialismo que tem em suas mãos o poder da vida e da morte. E oferece a vida a todas as crianças americanas, as brancas e as negras, oferecendo-lhes a Paz. E isso é uma beleza! Todas as mães e todas as crianças, nas ruas de todas as cidades, podem festejar Gagárin. Não só. Na história, nas palavras, na vida, no futuro de Gagárin não existem ataques. Nas festas e nos poemas, sobre a Terra, sobre o Sol, sobre as estrelas, há uma grande presença do GEC da UME. A Paz que o socialismo oferece ao mundo



De braço dado

Posse de Falsos Líderes Une Lacerda a Deocleciano

O governador Carlos Lacerda deu posse à nova diretoria da Federação Nacional dos Marítimos. O ato se realizou não na sede daquela entidade,

mas na da Confederação Nacional dos Trabalhadores da Indústria. O sr. Deocleciano de Hollanda Cavalcanti, muito entusiasmado com a "eleição" do sr. Larcio Couto por entidades que não chegam a representar 15% dos trabalhadores do mar, e mais entusiasmado ainda com a presença do governador da Guanabara, chamou o sr. Lacerda de "o paladino da liberdade e da democracia" e de "o governante de que o Brasil precisa". Lacerda, por outro lado, disse que Deocleciano "é um autêntico líder sindical". Deocleciano que continua implicado no destino de milhares de cruzados do Fundo Sindical, era antes chamado de "ladroão", de "pelego sujo" e outras coisas assim pelo atual governador da Guanabara. Hoje eles estão juntos, defendendo a "democracia" ao lado do sr. Larcio Couto. Deocleciano "defende a democracia com o dinheiro do Fundo Sindical e da Ori. Larcio a defende com o dinheiro que Carlos Lacerda lhe arrojou."

Deo festo que condenava a greve vitoriosa dos marítimos pela paridade, juntamente com alguns dos seus sócios de diretoria, Larcio não teve nem coragem de entrar na sede da Federação Nacional dos Marítimos para tomar posse. Preferiu procurar a sede da Ori. Larcio não realizou uma festa com Lacerda, Permigiani, Deocleciano e os eufóricos representantes da ORI. Os trabalhadores do mar, entretanto, continuaram honrando a sua longa tradição de luta, reforçando os seus sindicatos, intensificando as lutas pelas suas reivindicações e exigindo a modificação do atual sistema de eleições para a Federação. Agora, porém, a representação da classe por um representante dos seus piores inimigos.

Brocoio em foco

As montanhas de lixo elevam-se para as alturas em busca do espaço sideral, enquanto se sucedem as explicações para as constantes crises de falta de água. O governador Lacerda, entretanto, não perde tempo. As vésperas da convenção da UDN, enviou ao Recife uma mensagem penhorista, aconselhando o partido a tomar o caminho do mais nobre anticommunismo. Condenou, ao mesmo tempo, as anunciadas medidas do governo, referentes às relações diplomáticas e comerciais com os países socialistas. A mensagem de Lacerda foi posta de lado e a convenção resolveu aplaudir a política de relações com os países socialistas.

Entre as manifestações de 1.º de maio organizadas pelos sindicatos de trabalhadores e as festas promovidas em Bangu pelo Industrial Silveirinha, é claro que Lacerda optou por Bangu. Lá fez, um discurso patronal, arranjando, a seguir, com numerosa comitiva, na mesa dos donos da fábrica.

Democracia de Lacerda fugiu para Bangu

Em Bangu, deixou mais uma vez evidenciar sua posição de instrumento da exploração pelo homem pelo homem. Não foi hóspede dos trabalhadores, mas dos donos da fábrica. O frade onde prega a janta.

Para que Lacerda optou por Bangu. Lá fez, um discurso patronal, arranjando, a seguir, com numerosa comitiva, na mesa dos donos da fábrica. Na mensagem aos convencionais de Recife, Lacerda confessou que não é nacionalista, o que equivale a uma profissão de fé entreguista.

O último Primeiro de Maio serviu, dentre outras coisas, para que o sr. Carl, Lacerda demonstrasse a sua verdadeira face. O seu pocalicismo é o seu ódio mortal aos trabalhadores e a democracia. O governador udenista, durante todo o tempo em que teve a sua disposição uma tribuna parlamentar de oposição, não se cansou de condenar o peleguismo e clamar pela liberdade de voto para a Federação. Agora, porém, poucos dias depois de confrontar com o mais corrupto pelega do sindicalismo brasileiro — o milionário Holanda Cavalcanti —, procurou por todos os meios sabotar as comemorações independentes dos trabalhadores cariocas no Primeiro de Maio, negando-se a fornecer até um simples palanque para a Praça da Bandeira (depois de haver empennado a palavra). E como se isso fosse pouco, pretendu intimidar os trabalhadores, mobilizando ostensivamente todo o seu aparato policial. Esse é apenas um aspecto da liberdade "autêntica" que tantos vezes serviu de tema para os empolgados discursos parlamentares do defensor de Aragarças.

JOSÉ VICENTE

Antes, o agitado pasquinheiro da rua do Lavradio inventava furiosamente contra Deocleciano de Hollanda Cavalcanti, o homem que entretuca o destino do Fundo Sindical. Agora, na posse — mais farsa que eleição — de Larcio Couto, os dois erguem-se brindes, rasgam-se em elogios, como dois burocratas que passaram uma temporada afastada e se reencontram.

Parque há um outro aspecto, igualmente expressivo: enquanto na cidade os policiais amarravam o céu, a terra e o mar, o seu chefe, governador Lacerda, a passar toda a dia festejando "brindes", com o sr. Guilherme da Silveirinha, Primeiro de Maio tipicamente patronal e de encomenda. Que faz o sr. Lacerda da liberdade sindical "autêntica", dos desesperados protestos contra o peleguismo e o paternalismo operário, que até há um ano ribombavam pelas salas e corredores da Paróquia Tingelândia e que alguns cariocas de boa fé levaram a sério demais? A democracia lacerdistas fugiu para Bangu, para o acocorado do Silveirinha, depois de deixar a sua marca nos carros de assalto que rodavam os sindicatos e cercavam os locais em que os trabalhadores comemoravam, lutavam contra e entreguavam a reação, o verdadeiro Primeiro de Maio.

FIDEL ANUNCIA AO MUNDO O NASCIMENTO DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA EM CUBA

Havana: 3 Milhões de Cubanos Aclamaram Nas Ruas o Primeiro Estado Socialista da América

«Cuba é uma nação socialista... O socialismo não agrada ao senhor Kennedy mas, por outro lado, nós detestamos o imperialismo e o capitalismo... milhões de pessoas aclamaram entusiasticamente em Havana, na mais gigantesca manifestação realizada na América...»

Em seu discurso, pronunciado logo após o término do desfile de trabalhadores, camponeses, estudantes e milicianos que durou 17 horas, Fidel Castro declarou também: «Temos o mesmo direito que os norte-americanos e queremos a existência de uma nação capitalista a 144 quilômetros da nossa costa da mesma forma que os estadunidenses protestam contra a existência de um país socialista como o nosso a mesma distância de suas praias...»

«Os gritos de «Não! Não!», a multidão respondeu à pergunta de Fidel sobre a necessidade da realização de eleições. «Doravante — anunciou o primeiro-ministro depois disso — nossas decisões serão tomadas com base nas manifestações populares semelhantes a de hoje.»

A proclamação

As primeiras horas do dia 1º de Maio, antes do início das manifestações, a Rádio de Havana divulgou a proclamação do primeiro-ministro Fidel Castro e do presidente Dorticos, anunciando «o nascimento da revolução patriótica, democrática e socialista» de Cuba. «Entramos — diz o documento — na era da construção socialista, com os meios de produção em poder da classe trabalhadora, depois de conquistada a plenitude do poder político junto a Fidel e a nossos líderes revolucionários, que são a mais elevada expressão do povo.»

Depois de afirmar que junto à revolução cubana se encontram «os conceitos sólidos do poderoso mundo socialista, liderado pela grande União Soviética pela República Popular da China, a proclamação apele à «solidariedade combativa dos povos do mundo na luta comum para derubar definitivamente todas as manifestações de exploração do homem pelo homem.»

ELE NÃO TEM BIGODINHO MAS TEM TOPETE

Kennedy no Caminho de Hitler: Fascismo e Guerra Para «Salvar» o Imperialismo

Em Nova Iorque e todas as demais cidades dos Estados Unidos, no dia 28 de abril último, o soar das sirenas anunciava lúgubremente um exercício contra um hipotético ataque de foguetes lançados de armas nucleares. As ruas ficaram desertas, um silêncio mortal caiu sobre a nação americana. Milhões de pessoas nos trigal anti-aeréos, aguardavam angustiadamente o som e a imagem nos aparelhos de televisão instalados em cada um deles.

Nesse cenário o presidente Kennedy falou mais uma vez ao povo dos Estados Unidos. Cenário adequado ao discurso presidencial, todo ele perigoso e ameaçador repleto de frases e pensamentos que definem a ideologia e o pânico do imperialismo desesperado diante das rápidas modificações que se verificam no mundo, das vitórias dos povos que lutam pela sua independência e emancipação do poderio cada vez maior do campo socialista.

Os discursos do presidente Kennedy, principalmente aqueles proferidos após o fracasso da invasão mercenária contra o território cubano, constituem a mais séria manifestação de caráter nazista do imperialismo após o término da última guerra mundial. Denunciado em sua política demagógica apresentada com tanta ênfase durante a campanha eleitoral que o levou à Casa Branca, o homem anuncia claramente sua disposição de levar o mundo à guerra para tentar salvar o imperialismo do fim inexorável que se aproxima, declarando alto e bom som que a paz nos dias de hoje «é mais perigosa do que a guerra». Reconhecendo tacitamente a impotência do capitalismo, como sistema, para enfrentar a competição pacífica com o mundo socialista, apresenta ao povo do seu país o caminho da ditadura e do fascismo, declarando alto e bom som que a paz nos dias de hoje «é mais perigosa do que a guerra». Reconhecendo tacitamente a impotência do capitalismo, como sistema, para enfrentar a competição pacífica com o mundo socialista, apresenta ao povo do seu país o caminho da ditadura e do fascismo, declarando alto e bom som que a paz nos dias de hoje «é mais perigosa do que a guerra».

As manifestações

Mais de 3 milhões de pessoas, quase a metade da população cubana, se concentraram em Havana para comemorar o 1º de Maio, o nascimento da nação socialista e a grande vitória contra os mercenários que invadiram Cuba. O desfile de milicianos, trabalhadores, camponeses e estudantes foi presenciado por mais de 600 mil pessoas que se concentravam na Praça Cívica e arredores. A primeira coluna entrou na praça às 8 horas da manhã, tendo à frente Fidel Castro, Dorticos, «Che» Guevara, o líder sindical Lázaro Peña e Blas Roca, presidente do Partido Socialista Popular.

Logo depois, desfilavam as delegações. Abribo o cortejo apareceram os convidados estrangeiros, mais de 1.000, que desfilaram acenando grandes chapéus de camponeses para a massa humana que os aplaudia. Em seguida, meninos e meninas com flores e balões, e atletas conduzindo grandes retratos de Fidel, Dorticos, Guevara, Camilo Cienfuegos e Karl Marx.

Carros alegóricos de crítica ao imperialismo e à malograda invasão, assim como simbolizando o trabalho desfilaram também. Os de crítica provocavam exclamações de entusiasmo. No fim, desfilaram os milicianos empunhando suas armas.

No palanque oficial, além das altas autoridades do governo cubano e dos representantes diplomáticos de todos os países socialistas e neutralistas, se encontravam o general Henrique Lister, que comandou o Exército Republicano durante a guerra civil espanhola, e Luis Corvalán, presidente do Partido Comunista do Chile.

Na URSS

A revolução cubana e a luta do povo antihano foram também motivo, ao lado do feito de Gagarin, das manifestações de 1º de Maio em Moscou. Durante o desfile na Praça Vermelha numerosos delegados se apresentaram empunhando grandes retratos de Fidel Castro e faixas que traduziam a solidariedade do povo soviético aos cubanos que começaram a construir o socialismo na América. Na proclamação lida na

sentam ao povo americano para enfrentar o desafio pacífico do campo socialista. A que responsabilidades ele acenou? Aquelas da «autodisciplina», isto é, da subordinação completa aos ditames de um Estado policial-fascista, e da «autocensura». Advertiu solenemente os «perigos» da divulgação de notícias contrárias aos «interesses nacionais» e acenou com as necessidades da segurança nacional para justificar a sua não divulgação.

O discurso presidencial procura amenizar a concepção ideológica de fascismo, que é o seu fundamento, com frases de efeito como a repugnância pela palavra «sigilo» e outras mais. Entretanto, a verdade é que o presidente já está aplicando a política fascista de fazer calar as bocas, política muito mais perigosa que o macartismo dos primeiros anos da guerra fria. O Congresso está em pleno andamento e a situação alarmada. Durante a crise cubana, aqueles parlamentares mais conhecidos pela sua combatividade, com exceção apenas do senador Wayne Morse, se abstiveram de fazer críticas ao governo. O jornalista James Minifie fazia alusão a tal fato, revelando a preocupação do círculo de mais dependentes pela ausência de alguns deputados diante dos atos governamentais. Fala-se em suborno, «persuasão» e outros tipos de manobras para comprar consciências. A própria atitude do presidente para com o Congresso revela a intenção, vem preocupando os meios democráticos norte-americanos. O senador Wayne Morse já advertiu contra o fato de que Kennedy pretende relegar o papel das Casas Legislativas a plano secundário, tomando decisões independentemente de aprovação ou não. As palavras do próprio presidente deixam bem clara a sua disposição de fortalecer mais o seu poder.

Toda essa orientação, agravada pela crise cada vez mais aguda

Praça Vermelha antes do início do desfile, o marechal Malinovsky fez menção especial a Cuba, declarando entre outras coisas que a «União Soviética e os países do campo socialista darão toda espécie de auxílio e proteção à Cuba contra quaisquer agressões». O marechal Malinovsky advertiu os imperialistas sobre o perigo que pode acarretar para o mundo uma agressão norte-americana àquela pais.

Também no dia 1º de Maio a Comissão Internacional dos Prêmios Lênin da Paz anunciou que Fidel Castro tinha sido distinguido com esse galardão por «consagrar toda a sua vida à nobre causa dos povos pela liberdade e pela independência».

SAO PAULO:

Milhares de Trabalhadores no 1.º de Maio Apudam a Revolução Cubana

Convocado pelo Conselho Sindical dos Trabalhadores, realizou-se no dia 1º de Maio, em São Paulo, pela manhã, no Cine Paramount, uma sessão solene comemorativa, com a participação de milhares de operários, líderes sindicais e parlamentares.

Por designação do presidente dos trabalhos, sr. Luiz Menossi, os dirigentes sindicais Pedro Iovine e Orlando Coutinho pronunciaram discursos sobre a data, historicando os feitos do proletariado no passado, desde os tempos de Sacco e Vanzetti, «mártires inesquecíveis da classe operária», até os nossos dias, «quando para os trabalhadores de todo o mundo abrem-se extraordinárias perspectivas de progresso social.»

Reivindicações conquistadas

Dando um balanço nas vitórias do proletariado brasileiro nos últimos anos, o sr. Orlando Coutinho, destacou a libertação e a democratização dos órgãos sindicais, a conquista de salários em níveis superiores aos admitidos pelas estatísticas oficiais, Lei Orgânica da Previdência Social, re-

valorização dos níveis de salário mínimo, paridade entre civis e militares, direito de greve com a derrota, na prática do decreto 9070. Reportou-se ainda o orador ao III Congresso Sindical Nacional, diálogo democrático que permitiu ao proletariado sair mais unido e elaborar um programa de reivindicações que informa, no momento, acrescido de outros anseios da classe operária, o movimento sindical brasileiro. No setor das liberdades democráticas, acentuou a participação dos trabalhadores, de maneira ativa e decidida, na defesa da Constituição e contra ameaças de golpes de Estado, preservando assim para todos os brasileiros condições para o usufruto dos direitos constitucionais. Finalmente, afirmou o sr. Bonilha, em nome do Conselho Sindical dos Trabalhadores, todo o apoio do proletariado bandeirante ao povo cubano em sua luta pelo respeito, por parte dos Estados Unidos, de seu direito à autodeterminação.

Conclamando o proletariado a manter-se unido para a defesa de suas reivindicações, por aumento salarial em consonância com o elevado custo das utilidades, o sr. Orlando Coutinho encerrou sua oração, sob aplausos gerais e mesmo ocorrendo quando do discurso do sr. Pedro Iovine.

Imposto de renda

O deputado Franco Monteiro, autor de projeto isentando os trabalhadores (até cinco vezes o salário mínimo) do imposto sobre a renda, usou da palavra para expor item por item o conteúdo daquela propositura e convidar o proletariado a dirigir-se ao Senado para exigir que os que ali têm assento aprovem uma medida que beneficiará a todos os que, pobres, não devem pagar pelos ricos. «Se o governo quiser renda, que vá buscá-la junto aos ricos, com os poderosos, e não com os que, vivendo de salários insuficientes, enfrentam o custo de vida com as dificuldades que todos conhecem». A propósito do assunto, o Conselho Sindical, no final da sessão, aprovou moção dirigida ao Senado e recomendando aos sindicatos que desenvolvessem luta de apoio ao projeto de autoria do sr. Franco Monteiro.

Porfírio da Paz

O general Porfírio da Paz, recordando suas antigas posições de luta em favor do monopólio estatal do petróleo da paz e pela melhoria salarial dos trabalhadores, foi um orador dos mais aplaudidos. O êxito de sua oração foi assinalado quando, condenando os efeitos da Instrução 204, recomendada ao governo do sr. Jânio Quadros que mudasse de política: ao invés de mandar o trabalhador apertar o cinto, que obrigasse os tubarões a diminuir apenas dois furos de suas ricas cintas, tirando deles dos poderosos, os recursos de que necessita o seu governo. No final de sua oração, anunciou que o «chefe dos piqueteiros» da grande greve de 1954, estaria no dia 12 próximo, à frente do proletariado, em sua manifestação de protesto contra o custo de vida e por reajustamento salarial.

Luigi Grassi: F. S. M.

O representante da Federação Sindical Mundial, Luiz Grassi, foi recebido com grandes e demorados aplausos do auditório. «Trago-vos, disse, a mensagem fraternal e de unidade dos trabalhadores italianos, em particular, e dos 186 milhões de operários organizados sob a bandeira da Fe-



Sessão solene

Na manhã do dia 1º de Maio, no cine Paramount, o Conselho Sindical realizou uma sessão solene (foto) comemorativa da data internacional dos trabalhadores. Além da presença dos representantes do governador do Estado e do vice-presidente da República, compareceram à solenidade o vice-governador Porfírio da Paz, e o dirigente da FSM Luiz Grassi.

deração Sindical Mundial. Desse modo, paridade entre civis e militares, direito de greve com a derrota, na prática do decreto 9070. Reportou-se ainda o orador ao III Congresso Sindical Nacional, diálogo democrático que permitiu ao proletariado sair mais unido e elaborar um programa de reivindicações que informa, no momento, acrescido de outros anseios da classe operária, o movimento sindical brasileiro. No setor das liberdades democráticas, acentuou a participação dos trabalhadores, de maneira ativa e decidida, na defesa da Constituição e contra ameaças de golpes de Estado, preservando assim para todos os brasileiros condições para o usufruto dos direitos constitucionais. Finalmente, afirmou o sr. Bonilha, em nome do Conselho Sindical dos Trabalhadores, todo o apoio do proletariado bandeirante ao povo cubano em sua luta pelo respeito, por parte dos Estados Unidos, de seu direito à autodeterminação.

Cuba!

Representado pelo sr. Crocraat de São, o sr. João Goulart, vice-presidente da República, enviou mensagem aos trabalhadores, reportando-se às reivindicações salariais e afirmando propósitos nacionalistas e democráticos. Em nome do líder trabalhista, à margem da mensagem, o sr. Crocraat de São enalteceu a revolução cubana, apontando-a como um exemplo para todos os povos oprimidos. O orador mostrou ainda que Cuba soube lutar valentemente nada temendo, confiante em suas próprias forças e no apoio solidário dos povos. O numeroso público, de pé, aplaudiu delirantemente suas últimas palavras, enquanto de todas as partes da assistência partiam palavras de elogio a Fidel Castro.

Tenório denuncia

O sr. Luiz Tenório de Lima, presidente eleito e empossado da Federação dos Trabalhadores na Indústria de Alimentação de São Paulo, demoradamente aplaudiu pelos trabalhadores pronunciou veemente discurso abordando as reivindicações dos trabalhadores em face da elevação do custo de vida. Referindo-se a manobras do sr. Francisco José de Oliveira, por ele derrotado no pleito, visando à anulação das eleições, o líder Tenório de Lima denunciou o responsável por sérias irregularidades na Federação da Alimentação, afirmando textualmente: «Que tipo de democracia a documentação deixada pelo ex-presidente da Federação nos mostra? Malversação do patrimônio dos trabalhadores é democracia? Maldomismo pessoal é democracia? Dirigir uma entidade, por quase duas gestões, sem reunir a diretoria, é democracia? Dispor de milhões de cruzeiros da entidade sem ouvir o Conselho de Representantes, sem ouvir os companheiros de diretoria, sem constar de nenhuma ata, tudo isso é democracia? Arbitrar o preço de um veículo pertencente à Federação e comprá-lo sem autorização da diretoria é democracia? Fixar o próprio salário e aumentá-lo a seu bel prazer é democracia? E demora a fazer concluações com os patões em torno de 16% de aumento para os trabalhadores? É democracia defender um implicado no desvio de oito milhões de cruzeiros na Comissão do Imposto Sindical?»

Outros oradores

Usaram da palavra ainda o deputado Jetero de Faria Cardoso, Orlando Coutinho, Francisco Floriano Dezen, Luiz Menossi e como último orador o delegado do Trabalho sr. Rezende Pusch. Além do vice-presidente da República, mandou representante ao ato o sr. Carvalho Pinto, na pessoa do secretário do Trabalho, sr. Paulo Marzagão.

Comício na Sé

Patrocinado pelo Partido Trabalhista, Partido Comunista, Partido Socialista e Frente Nacionalista, realizou-se na praça da Sé um comício com a participação de cerca de 5 mil pessoas. Marcado para 18 horas, o comício teve início às 17 horas, quando já era expressiva a presença do povo, fazendo-se ouvir diversos populares, dirigentes sindicais e estudantes. Em seguida, abrindo oficialmente a reunião, usou da palavra o sr. Rio Branco Paranhos, exaltando o significado da data. E depois, ocuparam a tribuna os sr. Fausto Givovate (PSB), Alonso Cervantes (comunista), Freitas Nobre (PSB, vice-prefeito) e Cid Franco (PSB). Enio Sandoval Peixoto (representando Luiz Carlos Prestes), João Louzada (Sindicato da Construção Civil), Daniel Marum (Frente Nacionalista), Edgard Leuenroth, anarquista, além de outros.

Revolução Cubana

O Ostantendo faixas e cartazes alusivos principalmente à revolução cubana, populares deviam descer de cedo a tônica do comício. Os oradores, na sua maioria, exaltaram os feitos dos revolucionários cubanos, obtendo grandes aplausos do povo. O sr. Fausto Givovate, do Partido Socialista, afirmou: «a revolução cubana está ainda sob ameaças por parte do governo norte-americano; devemos estar preparados para socorrer os nossos irmãos de Cuba, mesmo com o derramamento de nosso sangue, se uma intervenção se efetivar; devemos estar prontos para defender, em qualquer terreno, a primeira república socialista democrática das Américas!». Os sr. Alonso Cervantes e Enio Sandoval Peixoto, além de examinarem o panorama político mundial, onde se destaca com realce o campo socialista, erigido em poderoso sistema a serviço da democracia, do socialismo e da independência dos povos oprimidos pelo imperialismo, exaltaram também a revolução cubana a todos convocando para apoiar-lhe o mais decidido apoio. O sr. Enio Sandoval Peixoto, representando Luiz Carlos Prestes, leu sob fortes aplausos uma mensagem do líder comunista examinando a situação nacional e conclamando o povo a lutar pela libertação econômica do país, ao mesmo tempo em que deve intensificar seus esforços em prol da revolução de Fidel Castro.

Legalidade ou PCB

O vice-prefeito Freitas Nobre, exaltou os mártires de Chicago, examinando a questão operária no Brasil, as vitórias dos trabalhadores e as possibilidades de emancipação de nosso país. Com veemência, muito aplaudida pela multidão, reclamou legalidade para o Partido Comunista do Brasil, examinando a situação em um regime constitucional uma organização de trabalhadores não tenha registro legal, e sofra com isso as desvantagens da ilegalidade. Como os demais oradores, aplaudiu a República Socialista de Cuba, apontando-a como um exemplo para os povos da América.

Internacional

Grupos de populares, no final da manifestação, cantaram trechos da «Internacional», hino de luta dos trabalhadores, em meio da curiosidade de dezenas de pessoas.

O OPERÁRIO EM CONSTRUÇÃO

VINICIUS DE MORAES

"E o Diabo, levando-o a um alto monte, mostrou-lhe
no momento de tempo todos os reinos do mundo. E dis-
se-lhe Diabo: — Dar-te-ei todo este poder e a sua glo-
ria; porque a mim me foi entregue e dou-o a quem quero;
portanto, se tu me adorares, tudo será teu. E Jesus, res-
pondendo, disse-lhe: — Vai-te, Satanás; porque está escri-
to: adorarás o Senhor teu Deus e só a ele servirás".
— LUCAS, Cap. V, versículos 5/8.

Era ele que erguia casas
Onde antes só havia chão.
Como um pássaro sem asas
Ele subia com as casas
Que lhe brotavam da mão.
Mas tudo desconhecia
De sua grande missão:
Não sabia, por exemplo
Que a casa de um homem é um templo
Um templo sem religião
Como tampouco sabia
Que a casa que ele fazia
Sendo a sua liberdade
Era a sua escravidão.

De fato como podia
Um operário em construção
Compreender por que um tijolo
Valia mais do que um pão?
Tijolos ele empilhava
Com pó, cimento e esquadria
Quanto ao pão, ele o comia...
Mas fosse comer tijolo!
E assim o operário ia
Com suor e com cimento
Erguendo uma casa aqui
Adiante um apartamento
Alem uma trejeia, à frente
Um quartel e uma prisão:
Prisão de que sofreria
Não fosse, eventualmente
Um operário em construção.

Mas ele desconhecia
Esse fato extraordinário:
Que o operário faz a coisa
E a coisa faz o operário.
De forma que, certo dia
A mesa, ao cortar o pão
O operário foi tomado
De uma súbita emoção
Ao constatar assombrado
Que tudo naquela mesa
— Garrafa, prato, facão —
Era ele quem os fazia
Ele, um humilde operário.
Um operário em construção.
Olhou em torno: gamela
Banco, enxerga, caldeirão,
Vidro, parede, janela
Casa, cidade, nação!
Tudo tudo o que existia
Era de quem o fazia
Ele, um humilde operário
Um operário que sabia
Exercer a profissão.

Ah, homens de pensamento
Não sabeis nunca o quanto
Aquê humilde operário
Soube naquele momento!
Naquela casa vazia
Que ele mesmo levantara
Um mundo novo nascia
De que sequer suspeitava.
O operário emocionado
Olhou sua própria mão
Sua rude mão de operário
De operário em construção
E olhando bem para ela
Teve um segundo a impressão
De que não havia no mundo
Coisa que fosse mais bela.

Foi dentro da compreensão
Desse instante solitário
Que, tal sua construção
Cresceu também o operário.
Cresceu em alto e profundo
Em largo e no coração
E como tudo que cresce
Ele não cresceu em vão.
Pois além do que sabia
— Exercer a profissão —
O operário adquiriu
Uma nova dimensão:
A dimensão da poesia.

E um fato novo se viu
Que a todos admirava:
O que o operário dizia
Outro operário escutava.
E foi assim que o operário
Do edifício em construção
Que sempre dizia SIM
Começou a dizer NÃO.
E aprendeu a notar coisas
A que não dava atenção:
Notou que sua marmitta
Era o prato do patrão
Que sua cerveja preta
Era o uísque do patrão
Que seu maço de cigarre
Era o terno do patrão
Que seus dois pés andarilhos

Eram as rodas do patrão
Que a dureza do seu dia
Era a noite do patrão,
Que sua imensa fadiga
Era amiga do patrão.

E o operário disse: NÃO!
E o operário fez-se forte
Na sua resolução.

Como era de se esperar
As bocas da delação
Começaram a dizer coisas
Aos ouvidos do patrão.
Mas o patrão não queria
Nenhuma preocupação.
— "Convençam-no" do contrário
Disse ele sobre o operário
E ao dizer isso sorria.

Dia seguinte, o operário
Ao sair da construção
Viu-se súbito cercado
Dos homens da delação
E sofreu, por destino
Sua primeira agressão.
Teve seu rosto cuspido
Teve seu braço quebrado
Mas quando foi perguntado
O operário disse: NÃO!

Em vão sofrera o operário
Sua primeira agressão
Muitas outras se seguiram
Muitas outras seguirão.
Porém, por imprescindível
Ao edifício em construção
Seu trabalho prosseguia
E todo o seu sofrimento
Misturava-se ao cimento
Da construção que crescia

Sentindo que a violência
Não dobraria o operário
Um dia tentou o patrão
Dobrá-lo de modo vão.
De sorte que o foi levando
Ao alto da construção
E num momento de tempo
Mostrou-lhe toda a região
E apontando-a ao operário
Fez-lhe esta declaração:
— Dar-te-ei todo esse poder
E a sua satisfação
Porque a mim me foi entregue
E dou-o a quem bem quiser.
Deu-te tempo de lazer
Doutre tempo de mulher...
Portanto, tudo o que ves
Será teu se me adorares.
E ainda mais, se abandonares
O que te faz dizer NÃO.

Disse, e fitou o operário
Que olhava e que refletia
Mas o que via o operário
O patrão nunca veria.
O operário via as casas
E dentro das estruturas
Via coisas, objetos
Produtos, manufaturas.
Via tudo o que fazia
O lucro do seu patrão
E em cada coisa que via
Misteriosamente havia
A marca de sua mão.
E o operário disse: NÃO!

— Loucura! — gritou o patrão
Não ves o que te dou eu?
— Mentira! — disse o operário
Não podes dar-me o que é meu.

E um grande silêncio fez-se
Dentro do seu coração
Um silêncio de martírios
Um silêncio de prisão
Um silêncio povoado
De pedidos de perdão
Um silêncio apavorado
Com o medo em soldado
Um silêncio de torturas
E gritos de maldição
Um silêncio de fraturas
A se arrastarem no chão.
E o operário ouviu a voz
De todos os seus irmãos
Os seus irmãos que morreram
Por outros que viverão.
Uma esperança sincera
Cresceu no seu coração
E dentro da tarde mansa
Agigantou-se a razão
De um homem pobre e esquecido
Razão porém que fizera
Em operário construído
O operário em construção.

